



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Jayne Miranda da Silva

A violência doméstica na perspectiva de homens participantes de um Grupo
Reflexivo no Tocantins: a experiência no Projeto Casulo

Tocantinópolis/TO
2026

Jayne Miranda da Silva

A violência doméstica na perspectiva de homens participantes de um Grupo
Reflexivo no Tocantins: a experiência no Projeto Casulo

Monografia apresentada à Universidade
Federal do Norte do Tocantins (UFNT),
Centro de Educação Humanidades e
Saúde (CEHS), para obtenção do título de
licenciada em Pedagogia.

Tocantinópolis/TO
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586v Silva, Jayne Miranda da.

A violência doméstica na perspectiva de homens participantes de um Grupo Reflexivo no Tocantins: a experiência no Projeto Casulo / Jayne Miranda da Silva. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2026.

66 f.

Monografia Graduação (Graduação - em Pedagogia) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2026.

Orientadora: Aline Campos.

1. Violência doméstica. 2. Homens autores de violência contra a mulher. 3. Grupos Reflexivos.

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Jayne Miranda da Silva

A violência doméstica na perspectiva de homens participantes de um Grupo
Reflexivo no Tocantins: a experiência no Projeto Casulo

Monografia apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação Humanidades e Saúde (CEHS). Foi avaliada para obtenção do título de para obtenção do título de licenciada em Pedagogia e aprovada em sua forma final pela orientadora e banca examinadora.

Data da aprovação: 02/07/2026

Banca examinadora:

Profª Drª Aline Campos - Orientadora (UFNT)

Profª Dr. Thiago de Melo Barbosa - Membro interno (UFNT)

Profª Drª Camila Simões Rosa - Membro Externo (UFLA)

*Aos meus pais, por todo amor,
esforço e por nunca soltarem a
minha mão.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me proporcionar forças para enfrentar os dias difíceis, saúde e perseverança para concluir esta etapa.

À minha família, especialmente ao meu pai, Raimundo Nonato Miranda de Sousa, e à minha mãe, Maria Francisca da Silva, minha mais sincera gratidão por acreditarem em mim mesmo quando eu duvidei e por sempre me incentivarem a estudar. Vocês me ensinaram a ter paciência, empatia e respeito ao próximo.

À professora Aline Campos e ao professor Thiago de Melo Barbosa, pela forma humana como conduzem o projeto e por todos os ensinamentos compartilhados ao longo dessa trajetória. Por propiciar um ambiente acolhedor, no qual tivemos a oportunidade de expressar opiniões, ouvir diversos pontos de vista e, principalmente, aprender com as diferentes vivências compartilhadas.

Sou grata às minhas colegas Ana Carolina Barbosa Silva e Andressa da Silva Martins, por dividirem comigo uma fase tão importante.

Agradeço também às minhas colegas de curso Ingredy Chaves Lima, Maria Victória Coelho e Vitória Gomes Araújo. Vocês tornaram toda essa etapa mais leve e divertida.

RESUMO

O Projeto Casulo, desenvolvido pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) em parceria com outras instituições, promoveu o 1º Grupo Reflexivo voltado para autores de violência doméstica contra a mulher. O presente estudo tem como objetivo geral mapear e analisar as compreensões de violência doméstica de homens autores de violência contra a mulher antes e após sua participação no Grupo Reflexivo. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa e narrativa. Tem como material de análise (textos de campo) as respostas gravadas e transcritas dos participantes nestas entrevistas realizadas por meio de formulários. O processo de categorização e recategorização das narrativas permitiu identificar, como resultado, três grandes temas: (1) Mentalidades associadas a estereótipos de gênero, (2) Compreensões sobre violência e (3) Desresponsabilização. A responsabilização constitui um processo educativo contínuo, que exige não apenas o reconhecimento da violência praticada, mas também a reconstrução das concepções de masculinidade, poder e relações de gênero. Trata-se de um processo que dificilmente se consolida ao longo de um único ciclo de encontros, demandando ações permanentes, articuladas e intersetoriais. O Grupo Reflexivo evidencia seu potencial como espaços de escuta, diálogo e problematização das concepções de masculinidade, das relações de gênero e da violência contra a mulher. Nesse sentido, o Projeto Casulo afirma-se como uma importante estratégia de extensão universitária e de intervenção social, criando oportunidades para que homens autores de violência iniciem um processo reflexivo que, para muitos deles, representa o primeiro contato com discussões críticas sobre gênero, masculinidades e violência contra a mulher.

Palavras-chave: Violência doméstica. Homens autores de violência contra a mulher. Grupos Reflexivos. Projeto Casulo.

ABSTRACT

The Casulo Project, developed by the Federal University of Northern Tocantins (UFNT) in partnership with other institutions, promoted the 1st Reflective Group for perpetrators of domestic violence against women. The general objective of this study is to map and analyze the understanding of domestic violence among male perpetrators before and after their participation in the Reflective Group. This is a qualitative and narrative research. The material for analysis (field texts) consists of the recorded and transcribed responses of the participants in these interviews conducted through questionnaires. The process of categorizing and recategorizing the narratives revealed three major themes: (1) Mentalities associated with gender stereotypes, (2) Understandings of violence, and (3) De-responsibilization. Accountability constitutes an ongoing educational process that requires not only the acknowledgment of the violence committed, but also the reconstruction of concepts of masculinity, power, and gender relations. It is a process that is unlikely to be consolidated in a single cycle of meetings, demanding permanent, articulated, and intersectoral actions. The Reflective Group highlights its potential as a space for listening, dialogue, and questioning concepts of masculinity, gender relations, and violence against women. In this sense, the Casulo Project asserts itself as an important strategy for university extension and social intervention, creating opportunities for men who perpetrate violence to begin a process of reflection that, for many of them, represents their first encounter with critical discussions on gender, masculinities, and violence against women.

Keywords: Domestic violence. Men who commit violence against women. Reflection Groups. Casulo Project.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Membros, docentes e discentes, da equipe executora do Projeto Casulo.....	20
Imagem 2: Alguns dos encontros de planejamento do Projeto Casulo.....	21
Imagem 3: Organização coletiva dos dados da pesquisa.....	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cronograma das atividades realizadas em cada encontro do 1º Grupo Reflexivo.....	17
Quadro 2 - Perfil socioeconômico dos participantes do 1º Grupo Reflexivo desenvolvido pelo Projeto Casulo.....	23
Quadro 3 - Síntese da sistematização das compreensões de violência dos autores de violência doméstica do 1º Grupo Reflexivo do Projeto Casulo.....	31
Quadro 4 - Concepções sobre homem provedor.....	35
Quadro 5 - Concepções sobre quem ensina às pessoas como ser homem.....	37
Quadro 6 - Frases de indicam imprecisão para responder ou silêncio.....	39
Quadro 7 - Concepções da mulher como naturalmente submissa/à serviço.....	40
Quadro 8 - Concepção da mulher como vulnerável.....	41
Quadro 9 - Concepção da mulher como ser descartável e/ou objeto.....	42
Quadro 10 - Concepção sobre o que é entendido como violência.....	44
Quadro 11 - Concepção de que a violência é interpretativa/pessoal.....	45
Quadro 12 - Impactos violência vivida.....	46
Quadro 13 - Violência como manifestação de falta de fé.....	48
Quadro 14 - A não percepção da violência.....	50
Quadro 15 - Transferência de culpa.....	52
Quadro 16 - A imprecisão na definição do respeito à mulher.....	54
Quadro 17 - Principais concepções mobilizadas a partir da obra <i>Tudo é Rio</i>	57

LISTA DE SIGLAS

CEHS	Centro de Educação, Humanidades e Saúde
CEPEMA	Central de Penas e Medidas Alternativas
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
GEPEPro-livre	Grupo de Pesquisa em Educação Popular Problematização do Mundo e Luta pela Libertação
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIVIC	Programa Institucional de Voluntários de Iniciação Científica
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. PERCURSO METODOLÓGICO	15
2.1 A extensão universitária, Programa Alvorecer e o Projeto Casulo	15
2.2 Grupo de Pesquisa em Educação Popular: problematização do mundo e luta pela libertação (GEPEPro-livre) e a Pesquisa Coletiva	19
2.3 Perfil dos participantes	21
2.4 Abordagem teórico-metodológica	25
2.4.1 Textos de campo	26
2.4.2 Procedimentos para análise	28
3. MENTALIDADES ASSOCIADAS A ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO	34
3.1 Homem	34
3.2 Mulher	40
4. COMPREENSÕES SOBRE VIOLÊNCIA	44
5. DESRESPONSABILIZAÇÃO	50
6. O LIVRO COMO DISPOSITIVO DE REFLEXÃO NOS ENCONTROS: UMA ANÁLISE DA OBRA LIDA	57
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE A — ROTEIRO DE PERFIL DO PARTICIPANTE E ENTREVISTA	64
APÊNDICE B — ROTEIRO DE ENTREVISTA E AVALIAÇÃO DA LEITURA	66

1. INTRODUÇÃO

As vítimas de violência doméstica, em geral, possuem muita resistência para buscar ajuda, seja por medo das ameaças e intimidações dos homens, que as fazem temer que a denúncia intensifique as agressões, ou até mesmo em virtude de dependência financeira que possuem na relação com o homem, que acaba sendo um fator impeditivo. Isso leva as vítimas a viverem em situações abusivas por vários anos ou até mesmo por toda a vida, perpetuando um ciclo que é muito difícil de ser rompido. Complexificando esse cenário, é comum, ainda, que mulheres que chegam a registrar denúncias, retirem as queixas por não quererem que os homens autores de violência contra elas sejam presos (Soares; Gonçalves, 2020), seja em razão de vínculos afetivos e familiares mantidos com os agressores, da dependência econômica, do receio de represálias ou da expectativa de que a situação possa ser resolvida sem a intervenção penal mais severa. Entretanto, em razão das transformações promovidas pela Lei Maria da Penha e da consolidação do entendimento de que determinados crimes praticados em contexto de violência doméstica são de ação penal pública incondicionada, a vontade da vítima nem sempre é suficiente para interromper a persecução penal.

É no bojo da complexidade do desafio do combate à violência doméstica que emergem os Grupos Reflexivos como estratégia para responsabilização de homens autores de violência contra a mulher. No Brasil, esse serviço de atendimento aos homens surgiu no final da década de 90 e início dos anos 2000 (Scoot; Oliveira, 2021) e está previsto na Lei 11.340, conhecida com Lei Maria da Penha, que possibilita à autoridade judicial “determinar o comparecimento obrigatório do agressor¹ a programas de recuperação e reeducação” (Brasil, 2006). No entanto, ainda não foram amplamente

¹ Embora a Lei Maria da Penha utilize predominantemente o termo "agressor" para se referir à pessoa que pratica a violência doméstica e familiar contra a mulher, neste trabalho opta-se pela expressão "homens autores de violência". Tal escolha acompanha a terminologia adotada em documentos e manuais do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) voltados aos Grupos Reflexivos para Homens e a outras iniciativas de responsabilização. A expressão busca deslocar o foco de uma identidade fixa e essencializada de "agressor" para a compreensão da violência como uma prática pela qual o sujeito deve ser responsabilizado, sem reduzi-lo integralmente ao ato cometido. Além disso, enfatiza a dimensão relacional e sociocultural da violência de gênero, favorecendo abordagens voltadas à reflexão crítica e à transformação de comportamentos.

implementados enquanto política pública e, como bem destaca Soares e Gonçalves (2020), faltam estudos de avaliação de sua eficácia.

Visando contribuir nessa luta e observando-se que no mapeamento dos Grupos Reflexivos existentes no Brasil, realizado por Beiras *et al* (2021), o Tocantins foi o único Estado que não teve experiência registrada, é que se organizou e deu-se início ao Projeto *Casulo*. Esse projeto de extensão universitária da UFNT, em parceria com o Poder Judiciário, a Central de Penas e Medidas Alternativas e o Conselho da Comunidade (CEPEMA) e o Conselho da Comunidade da Comarca de Tocantinópolis, realizou entre outubro e novembro de 2023 o primeiro Grupo Reflexivo com homens autores de violência doméstica na Comarca de Tocantinópolis, o qual contou com onze participantes.

Os dezoito encontros do Grupo Reflexivo promovido pelo *Projeto Casulo* visam contribuir no combate à violência contra a mulher por meio de reflexões feitas a partir de dinâmicas combinadas com a leitura de obras literárias. O intuito é estabelecer um diálogo e ter uma troca com esses homens a fim de promover um processo de reeducação para as relações entre homens e mulheres, coadunando com a perspectiva de que mais do que meramente punir devemos entender o ciclo de violência que, muitas vezes, estes homens estão inseridos e que os levam a normalizar certos comportamentos violentos.

Antezana (2012) afirma que o trabalho com os homens que praticam violência é complexo, já que exige uma disposição empática com homens que muitas vezes não se mostram dispostos a reconhecer os abusos que cometeram ou negam e minimizam de maneira habitual a violência que exerceram. O que as experiências têm mostrado é que é comum esses homens chegarem aos Grupos Reflexivos culpabilizando as mulheres e negando suas responsabilidades (Beiras et al, 2021). Daí a importância de ouvi-los antes de iniciarem sua participação no Grupo Reflexivo e após concluírem essa participação, a fim de identificar se estão sendo promovidas mudanças de pensamento, ainda que sutis. A mudança de comportamento está intimamente atrelada à mudança de mentalidade e, por isso, a sistematização desse conhecimento é um dos elementos fundamentais para a avaliação da eficácia dos Grupos Reflexivos.

Nesse intuito, este trabalho vinculado ao Projeto de Pesquisa *Violência*

Doméstica à luz do perfil e vozes de homens participante de um Grupo Reflexivo, tem como objetivo geral: mapear e analisar as compreensões de violência doméstica de homens autores de violência contra a mulher antes e após sua participação no primeiro Grupo Reflexivo desenvolvido pelo Projeto Casulo. E para alcançar tal objetivo, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Transcrever as entrevistas realizadas com os homens participantes do 1º Grupo Reflexivo desenvolvido pelo Projeto Casulo;
- Identificar nas falas dos homens as compreensões sobre violência, antes e após a participação no Grupo Reflexivo;
- Analisar as compreensões identificadas nas falas dos entrevistados a fim de avaliar a eficácia do Grupo Reflexivo no combate à violência contra a mulher.
- Analisar como as intervenções realizadas no Grupo Reflexivo podem contribuir para o trabalho com educação de gênero na Educação Básica.

Este trabalho está organizado em sete seções: *Introdução*, na qual é apresentada a problemática da violência doméstica, o surgimento dos Grupos Reflexivos para homens autores de violência e os objetivos que nortearam a pesquisa; *Percursos metodológico*, que detalha o Programa Alvorecer e o Projeto Casulo, vinculados à extensão universitária, o perfil dos participantes e os procedimentos adotados para a realização desta pesquisa; *Mentalidades associadas a estereótipos de gênero*, em que é discutido como os papéis de gênero construídos socialmente impactam nas relações; *Compreensão sobre violência*, no qual são abordados os diferentes entendimentos e manifestações da violência no contexto doméstico; *Desresponsabilização*, que analisa os mecanismos usados pelos homens para negar a responsabilidade dos atos violentos; *O livro como dispositivo de reflexão nos encontros*, que aborda a contribuição da leitura mediada para o processo de reflexivo dos participantes; e, por fim, as *Considerações finais*, que apresentam as contribuições desta pesquisa, bem como as implicações do estudo para minha formação acadêmica.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo é de abordagem qualitativa e narrativa, visando identificar as compreensões de violência manifestadas pelos 11 participantes do primeiro Grupo Reflexivo promovido pelo Projeto Casulo. Para tanto, foram analisados os dados dos formulários aplicados no primeiro e no penúltimo encontro do Grupo Reflexivo com cada um dos participantes individualmente em forma de entrevista. Essas entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e analisadas neste trabalho valendo-se da análise de conteúdo.

2.1 A extensão universitária, Programa Alvorecer e o Projeto Casulo

A Extensão Universitária é um processo de interação entre a universidade e a sociedade, no qual a universidade atende demandas sociais, por meio de projetos que são realizados *com* a comunidade. Essa prática é um dos pilares que contempla o tripé universitário juntamente com ensino e a pesquisa, por isso devem ser desenvolvidos de forma indissociável. Assim, Jenize (2004, [n.p]) afirma que “[...] a interação ensino-pesquisa-extensão é o pilar que alicerça a formação humana/profissional, bem como a interação universidade e sociedade, no cumprimento da função social da universidade.”

A Extensão Universitária na perspectiva popular, como sublinha Oliveira (2017, p. 93) ocorre quando o “[...] conhecimento é construído no diálogo entre sujeitos, pois conhecimento aqui é consciência da realidade e da condição humana”, ou seja, por meio dela busca-se estabelecer diálogo com o conhecimento acadêmico e o saber da comunidade, rompendo com o distanciamento entre a Universidade e a comunidade.

Nesse sentido, a extensão universitária constitui um espaço privilegiado para a articulação entre conhecimento acadêmico e demandas sociais concretas. O Projeto Casulo emerge justamente deste encontro, originando-se de uma demanda do Poder Judiciário relacionada ao enfrentamento da violência doméstica. Sua proposta fundamenta-se na compreensão de que problemas sociais complexos exigem abordagens interdisciplinares e dialógicas, capazes de mobilizar diferentes saberes e atores sociais na construção de estratégias de prevenção e enfrentamento da violência.

O Programa Alvorecer, por sua vez, é um Programa Institucional específico da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), seu principal objetivo é o

enriquecimento do processo de ensino, pesquisa e extensão por meio de ações educativas que busca expandir o conhecimento científico e pedagógico para a região norte do Tocantins e áreas próximas, por meio de projetos integrados que unem o tripé universitário, ao mesmo tempo que visa oferecer uma formação completa e de qualidade aos estudantes que dele participam.

No ano de 2025, o Programa Alvorecer estava organizado de modo a fomentar um projeto de cada colegiado dos cursos de graduação da UFNT durante 11 meses. No âmbito do Curso de Pedagogia do Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS), na edição (que encerrou em julho de 2025) o Projeto Casulo foi integrado ao Programa Alvorecer, sendo contemplado com duas estudantes com bolsas (Ana Carolina Barbosa Silva e Jayne Miranda da Silva) e uma estudante voluntária (Andressa da Silva Martins).

O Projeto Casulo é uma ação extensionista criada em 2022 a partir de uma demanda apresentada pelo Poder Judiciário, em consonância com a Recomendação CNJ n.º 124/2022, que orienta os tribunais brasileiros a instituírem e manterem programas voltados à reflexão e à responsabilização de autores de violência doméstica e familiar contra as mulheres.

Em sua fase inicial, os integrantes do Projeto Casulo, em parceria com a equipe da CEPEMA, dedicaram-se ao estudo das relações de gênero, das múltiplas manifestações da violência doméstica e familiar e das metodologias empregadas nos grupos reflexivos e responsabilizantes. Esse processo de formação e planejamento permitiu a construção coletiva de uma metodologia de intervenção alinhada às diretrizes nacionais e às especificidades do contexto local, culminando na realização do primeiro grupo reflexivo em 2023.

De modo geral, o Grupo Reflexivo apresenta como público-alvo homens autores de violência contra a mulher, tendo com objetivo viabilizar ações de natureza educacional que permitam o cumprimento de penas, visando, com isso, a responsabilização dos autores de violência na tentativa de romper com o ciclo de violência doméstica, através de reflexões e diálogos derivados de leituras coletivas.

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) disponibiliza algumas compreensões gerais de como deve ser a execução desses grupos. Essas orientações estabelecem que os programas devem ter foco em processos de reflexão e responsabilização dos autores de violência doméstica e contra a mulher. Além disso, estrutura a padronização do número de sessões e do período de duração, que não

poderá ser inferior a oito sessões ou três meses, respectivamente. Ainda conforme as diretrizes, deve-se também promover a reflexão sobre as questões de gênero, os direitos humanos e fundamentais da mulher e a construção social da masculinidade. Por fim, exige-se a manutenção de registro dos atendimentos realizados e a avaliação periódica de sua qualidade, resguardando o sigilo necessário à proteção da privacidade, intimidade e segurança dos participantes.

Os Grupos Reflexivos vêm sendo desenvolvidos em diferentes regiões do país, assumindo formatos variados, mas observando parâmetros comuns estabelecidos pelas diretrizes nacionais. O *Projeto Casulo: Grupo Reflexivo em Penas e Medidas Alternativas* compartilha desses referenciais, mas apresenta como diferencial metodológico a articulação entre as reflexões sobre violência de gênero e a leitura coletiva de uma obra literária. O projeto é estruturado em 18 encontros presenciais, tendo sido realizado duas vezes por semana (às terças e quintas-feiras), com duração de duas horas cada, em sua primeira execução.

O primeiro encontro foi a aplicação de um questionário inicial que possibilitou conhecer o perfil dos participantes e suas percepções acerca dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. O segundo, que reúne o grupo pela primeira vez, é destinado à apresentação da equipe executora e à explicação do funcionamento do projeto. Nesse encontro, em geral, algum representante da CEPEMA participa a fim de sanar dúvidas em relação à articulação da participação no grupo e o cumprimento da pena. Ao longo dos demais encontros, são desenvolvidas dinâmicas, rodas de conversa e atividades reflexivas, tendo como eixo condutor a leitura de uma obra literária que, no caso do primeiro grupo, foi o romance *Tudo é Rio*, de Carla Madeira. O décimo sétimo encontro reaplicamos o formulário de forma individual, reproduzindo as questões iniciais sobre concepção sobre homem, mulher e violência e adicionando questões relacionadas à recepção sobre a obra literária lida coletivamente.

Quadro 1: Cronograma das atividades realizadas em cada encontro do 1º Grupo Reflexivo.

ENCONTRO	AÇÕES DESENVOLVIDAS
1º	Aplicação individual do formulário diagnóstico (entrevista inicial)
2º	Apresentação do Projeto e sua dinâmica, com a participação de

	representante da CEPEMA.
3º ao 16º	Desenvolvimento das reflexões, atrelando dinâmicas e leitura da obra literária
17º	Reaplicação do formulário (entrevista final)
18º	Avaliação coletiva e encerramento

Fonte: Elaboração própria.

A escolha da literatura como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento do Grupo Reflexivo conduzido pelo Projeto Casulo, decorre da compreensão de que as narrativas literárias favorecem processos de identificação, deslocamento de perspectivas e desenvolvimento da empatia, permitindo que temas complexos sejam abordados de forma menos defensiva e mais sensível.

A opção metodológica pela leitura coletiva torna-se ainda mais relevante diante dos baixos índices de leitura observados no Brasil. Ao inserir a experiência literária em um contexto de formação e responsabilização, o Projeto Casulo não apenas amplia o acesso ao livro e à leitura, mas também mobiliza seu potencial formativo. A literatura possibilita o contato com diferentes experiências humanas, estimula a reflexão crítica sobre valores e comportamentos naturalizados e contribui para a construção de novas formas de compreender as relações afetivas e os conflitos humanos. Nesse sentido, a obra literária deixa de ser um recurso complementar e passa a constituir um elemento central da metodologia do projeto, funcionando como mediadora dos diálogos e das reflexões desenvolvidas ao longo do percurso formativo.

A escolha de *Tudo é Rio* como obra orientadora do percurso formativo também constitui uma decisão política e pedagógica. Trata-se de um romance escrito por uma mulher, cuja narrativa aborda, entre outras questões, as complexidades das relações afetivas, as violências que atravessam os vínculos humanos, os processos de responsabilização e as possibilidades de reconstrução das relações. Em um contexto no qual a violência contra a mulher é tratada apenas a partir de suas dimensões jurídicas e punitivas, a literatura permite acessar as experiências humanas em sua complexidade, evidenciando sentimentos e contradições.

A opção por uma obra escrita por uma autora mulher também busca valorizar perspectivas historicamente silenciadas sobre as relações de gênero, ao mesmo

tempo em que favorece a reflexão sobre alternativas à reprodução da violência. Sem romantizar ou minimizar os danos produzidos pelas agressões, a narrativa oferece elementos para pensar a responsabilidade pelos atos praticados e a possibilidade de transformação das formas de se relacionar, aspecto que dialoga diretamente com os objetivos dos grupos reflexivos.

2.2 Grupo de Pesquisa em Educação Popular: problematização do mundo e luta pela libertação (GEPEPro-livre) e a Pesquisa Coletiva

Esta pesquisa não se constitui como um esforço investigativo isolado, mas integra um processo mais amplo de produção coletiva do conhecimento desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa em Educação Popular: Problematização do Mundo e Luta pela Libertação (GEPEPro-Livre). Vinculado a esse grupo, o trabalho articula-se a uma pesquisa coletiva maior que reúne docentes e estudantes de graduação em torno da investigação sobre a experiência de execução do Projeto Casulo. Nesse contexto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso compõe um conjunto de investigações que, embora possuam recortes específicos, compartilham referenciais teóricos, pressupostos ético-políticos e procedimentos metodológicos construídos de forma colaborativa. Assim, a compreensão do percurso desenvolvido pelo GEPEPro-Livre e da metodologia da pesquisa coletiva torna-se fundamental para situar este estudo e compreender as condições de sua produção.

Nos encontros semanais do grupo foram feitas leituras e discussões de obras que tratam das questões de gênero, violência doméstica, entre outras temáticas, propiciando um espaço de trocas de saberes, de aprofundamento crítico e de formação acadêmica e pessoal, na medida em que cada integrante contribui com suas experiências, interpretações e reflexões, fortalecendo o aprendizado coletivo e a produção de conhecimento. Além disso, compartilhávamos nesses encontros as análises de nossas pesquisas, de modo que as interpretações produzidas individualmente eram submetidas ao diálogo crítico com os demais integrantes do grupo. Esse processo de socialização e problematização coletiva possibilitou o confronto de diferentes perspectivas, o refinamento das categorias analíticas e a identificação de aspectos que poderiam passar despercebidos em uma leitura individual. Dessa forma, a construção coletiva das análises contribuiu para ampliar o

rigor da pesquisa, na medida em que relativiza impressões pessoais, reduz vieses interpretativos e fortalece a consistência dos achados produzidos.

Este TCC é um desdobramento do Plano de Trabalho *Compreensões sobre violência doméstica de homens autores de violência contra a mulher: possibilidades e limites do grupo reflexivo* vinculado à pesquisa intitulada *Violência Doméstica à luz do perfil e vozes de homens participantes de um grupo reflexivo*, coordenada pela professora Aline Campos, que teve como objetivo sistematizar e analisar a experiência dos Grupos Reflexivos. Essa pesquisa foi desenvolvida entre 2024 e 2025 no âmbito do Programa de Iniciação à Pesquisa, contando com a participação de três estudantes de graduação, uma delas bolsistas (PIBIC) e duas voluntárias (PIVIC). Tal pesquisa está atrelada a uma pesquisa guarda-chuva maior, intitulada *Projeto Casulo e Grupos Reflexivos com homens autores de violência contra mulheres: o que pode o diálogo mediado por obras literárias?* e devidamente submetida e aprovada no Comitê de Ética da Pesquisa da UFNT.

Imagem 1: Membros, docentes e discentes, da equipe executora do Projeto Casulo



Fonte: Arquivo do GEPEPro-livre.

Assim, além do plano de trabalho que deu origem a este TCC, outros dois TCC vinculados a essa pesquisa foram desenvolvidos e defendidos. São eles: (1) *Ecos da Violência: Análises das Manifestações sobre Violência Doméstica dos Homens participantes da primeira versão do Projeto Casulo*, executada por Andressa da Silva Martins, com o objetivo de investigar as manifestações de violência doméstica a partir da fala dos autores de violência com foco principal nos comentários tecidos após a leitura de cada capítulo do romance. Para tanto, teve como material analisado os registros de observação feitos pelas graduandas no durante a execução dos 18 encontros. E (2) *Análise do Perfil Socioeconômico e Infracional dos Homens Participantes do 1º Grupo Reflexivo Conduzido pelo Projeto Casulo*, executada por Ana Carolina Barbosa Silva, com objetivo traçar o perfil socioeconômico e infracional dos participantes do 1º Grupo Reflexivo. Para isso, debruçou-se sobre os processos penais de cada integrante com o objetivo de colher informações como idade, escolaridade, raça, religião, entre outras, a fim de compreender as trajetórias de vida desses sujeitos autores de violência doméstica.

Desse modo, a pesquisa em seu conjunto não apenas gera análises específicas em cada recorte, mas também fortalece a compreensão integrada do fenômeno da violência doméstica, evidenciando a importância da articulação entre planos de trabalho e da produção coletiva de conhecimento no âmbito acadêmico.

Imagem 2: Alguns dos encontros de Planejamento do Projeto Casulo



Fonte: Arquivo do GEPEPro-livre.

2.3 Perfil dos participantes

A compreensão do perfil dos participantes constitui um elemento importante para a análise da experiência desenvolvida pelo Projeto Casulo, uma vez que permite situar socialmente os sujeitos envolvidos e contextualizar as reflexões, narrativas e posicionamentos analisados ao longo deste trabalho. Nesse sentido,

apresentam-se algumas informações gerais obtidas por meio do formulário/entrevista inicial aplicado aos participantes, contemplando dados como nome, idade, cor/etnia, religião, profissão e escolaridade. Não se pretende, contudo, realizar uma análise aprofundada dessas características, uma vez que tal objetivo integra outra pesquisa desenvolvida no âmbito do Projeto Casulo e materializada em TCC² específico de análise do perfil destes sujeitos. Assim, os dados aqui apresentados possuem função eminentemente contextualizadora, permitindo compreender quem são os sujeitos que compõem o primeiro Grupo Reflexivo promovido pelo Projeto Casulo e de quais lugares sociais emergem as experiências e reflexões discutidas nesta pesquisa.

Vale ressaltar que, dos 11 participantes inicialmente encaminhados pelo Poder Judiciário para participação no Grupo Reflexivo, um deles não concluiu o percurso formativo proposto. Por esse motivo, não foi possível realizar a entrevista final, instrumento fundamental para a produção dos dados analisados nesta pesquisa com todos. Desse modo, as análises apresentadas ao longo deste trabalho consideram apenas os 10 participantes que concluíram integralmente às atividades do grupo e participaram de todas as etapas previstas para a investigação.

Para a identificação dos participantes, foram utilizados nomes de flores, essa escolha se baseia na recorrente associação cultural que relaciona flores à figura feminina. E como o projeto propõe outras formas de pensar e entender as masculinidades, usar nomes de flores quebra o estereótipo de coisa para homem e para mulher.

A presença dos asteriscos sinaliza a ausência de informações. Essa ausência ocorreu porque, durante a aplicação do formulário, optou-se pela não gravação das respostas relacionadas ao perfil de cada participante; essas respostas foram apenas digitadas no formulário. Porém, alguns formulários não foram enviados para a pasta do *Drive* destinada a guardar todo o material do Projeto Casulo, acarretando a perda das informações do perfil socioeconômico de alguns participantes. No entanto, foi possível recuperar algumas informações quando a discente Ana Carolina Silva Barbosa, integrante do Projeto Casulo, buscou os processos criminais dos

² Pesquisa desenvolvida pela discente do curso de Direito Ana Carolina Barbosa Silva, intitulada *Análise do perfil socioeconômico e infracional dos homens participantes do 1º grupo reflexivo* conduzido pelo Projeto Casulo, que busca entender o perfil econômico, cultural e infracional dos participantes, possibilitando a compreensão da violência doméstica a partir do perfil dos autores de violência.

participantes no Sistema e-Proc³.

Quadro 2: Perfil socioeconômico dos participantes do 1º Grupo Reflexivo desenvolvido pelo Projeto Casulo

Nome	Idade	Cor/etnia	Religião	Profissão	Escolaridade
Hortênsio	31	Preto	Católico	Desempregado	EM incompleto
Jacinto	43	Pardo	Católico	Operador de máquinas	EM completo
Lírio	50	Branco	Católico	Comerciante	EM completo
Cravo	24	Pardo	Sem religião	Diarista	EF incompleto
Antúrio	51	Preto	*	Funcionário Público (vigilante)	EF incompleto
Lótus	33	Preto	*	*	*
Girassol	28	Pardo	*	Desempregado	EF incompleto
Íris	46	Pardo	*	Auxiliar de serviços gerais	*
Narciso	36	Preto	Católico	Desempregado	EF incompleto
Crisântemo	36	Pardo	*	Motorista	EF completo

Fonte: Elaboração própria a partir dos formulários diagnósticos aplicados no primeiro encontro.

Os participantes do Grupo Reflexivo apresentavam idades entre 24 e 51 anos, evidenciando a presença de homens em diferentes etapas do ciclo de vida. Embora houvesse predominância de participantes na faixa dos 30 e 40 anos, observa-se que a violência doméstica e familiar contra a mulher não se restringe a uma geração específica, alcançando sujeitos de distintas idades e trajetórias. Além disso, é importante destacar que as idades apontadas no quadro dizem respeito ao momento em que participaram do Grupo Reflexivo e não à idade que possuíam no ato da violência cometida.

No que se refere à cor/etnia, verifica-se a predominância de homens

³ O e-proc (Processo Judicial Eletrônico) é um sistema de tramitação digital desenvolvido para substituir os autos físicos, trazendo mais agilidade, transparência e eficiência ao Judiciário. Com essa ferramenta, advogados, magistrados, servidores e partes envolvidas têm a possibilidade de acessar documentos, enviar petições e acompanhar seus casos de forma totalmente digital.

autodeclarados negros (pretos ou pardos), totalizando nove dos dez participantes, enquanto apenas um se declarou branco. Tal composição dialoga com o perfil demográfico da região e sugere a necessidade de compreender a violência doméstica também a partir das desigualdades sociais e raciais que atravessam a sociedade brasileira, embora este trabalho não tenha como objetivo aprofundar essa discussão.

Em relação à religião, os dados disponíveis indicam a predominância do catolicismo entre os participantes que responderam a essa questão.

Quanto à escolaridade, observa-se a prevalência de níveis de instrução mais baixos, com predominância do ensino fundamental incompleto. Apenas dois participantes concluíram o ensino médio, o que evidencia trajetórias educacionais marcadas por processos de escolarização interrompidos ou limitados.

No que diz respeito à ocupação profissional, identifica-se um grupo heterogêneo, composto por trabalhadores de diferentes áreas, como operador de máquinas, comerciante, vigilante, auxiliar de serviços gerais e motorista. Chama atenção, contudo, a presença de três participantes em situação de desemprego. De modo geral, os dados sugerem um grupo formado majoritariamente por homens pertencentes às classes populares, com inserção ocupacional marcada por atividades de baixa remuneração e menor exigência de qualificação formal.

Embora essas características não permitam estabelecer relações causais com a prática da violência doméstica, elas contribuem para situar socialmente os participantes do Projeto Casulo e compreender o contexto em que se desenvolvem suas experiências, trajetórias e processos reflexivos. Mais do que identificar perfis determinantes, os dados apresentados oferecem elementos para contextualizar os sujeitos cujas narrativas e reflexões constituem o objeto de análise desta pesquisa. Nesse sentido, é importante evitar interpretações que associem a prática da violência doméstica a um perfil específico de homem. A composição deste grupo poderia, em uma leitura apressada, conduzir à conclusão de que o autor de violência doméstica é, predominantemente, um homem negro, pardo, pobre e com baixa escolaridade. No entanto, tal interpretação exige cautela.

Considerando os debates acerca da seletividade penal no Brasil, cabe questionar em que medida esse perfil reflete efetivamente a incidência da violência doméstica na sociedade e em que medida revela os sujeitos que são mais frequentemente alcançados pelo sistema de justiça criminal. Afinal, se a violência

contra a mulher atravessa diferentes classes sociais, níveis de escolaridade, grupos raciais e contextos familiares, é necessário problematizar se Grupos Reflexivos constituídos a partir de encaminhamentos judiciais não acabam reproduzindo, ainda que involuntariamente, as mesmas dinâmicas seletivas que historicamente marcam o funcionamento do sistema penal brasileiro. Essa questão não será aprofundada neste trabalho, mas constitui uma importante provocação para futuras pesquisas sobre os limites e as potencialidades das estratégias de responsabilização de homens autores de violência contra a mulher.

2.4 Abordagem teórico-metodológica

Esta pesquisa se insere na interface entre violência doméstica e responsabilização de homens por meio de processos educativos, inserindo-se, portanto, no campo das Ciências Humanas, área voltada à compreensão das experiências humanas, das relações sociais e dos processos históricos e culturais que conformam a vida em sociedade. Trata-se, pois, de uma pesquisa que visa contribuir para compreender sobre a complexidade das relações sociais e como as dinâmicas culturais influenciam as percepções, comportamentos e práticas dos sujeitos.

Por assumir como objeto de análise as vozes dos homens autores de violência contra a mulher, esta investigação adota uma abordagem qualitativa, que permite levar em consideração as experiências e as percepções dos sujeitos, reconhecendo a subjetividade como elemento constitutivo da produção do conhecimento. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70) a abordagem qualitativa, “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”.

Nesse horizonte, a pesquisa ancora-se nos princípios teórico-metodológicos da Pesquisa Narrativa, perspectiva desenvolvida por D. Jean Clandinin e F. Michael Connelly (2015, p. 27), para os quais “a narrativa tornou-se um caminho para o entendimento da experiência”. Mais do que uma técnica de coleta de dados, a narrativa constitui uma forma de compreender a experiência humana, uma vez que as pessoas atribuem sentidos às suas vivências ao narrá-las e reinterpretá-las ao

longo do tempo. Nessa perspectiva, experiência e narrativa encontram-se profundamente articuladas, sendo a narrativa o principal meio pelo qual os sujeitos organizam, comunicam e ressignificam suas experiências.

Nesse sentido, ao entrevistarmos e ouvirmos os homens participantes do primeiro Grupo Reflexivo desenvolvido pelo Projeto Casulo, antes e após sua participação, buscamos justamente acessar suas experiências de vida e de envolvimento nessa intervenção educativa, entendendo que é pela narrativa que essas trajetórias revelam em sua complexidade.

Mais do que identificar opiniões ou descrever acontecimentos, procuramos compreender os significados atribuídos pelos participantes às suas experiências, às relações de gênero, à violência e ao próprio processo reflexivo vivenciado no grupo. Assim, as narrativas produzidas constituem não apenas fonte de informação, mas também espaços de elaboração, interpretação e ressignificação das experiências vividas.

2.4.1 Textos de campo

Na Pesquisa Narrativa, os materiais produzidos ao longo da investigação são compreendidos como *textos de campo*, isto é, registros que possibilitam a quem pesquisa acessar e reconstruir as experiências vividas pelos participantes. Conforme Clandinin e Connelly (2015), os textos de campo podem assumir diferentes formas, como entrevistas, diários, fotografias, documentos e anotações produzidas durante o processo investigativo. Nesta pesquisa, as entrevistas realizadas com os participantes do primeiro Grupo Reflexivo promovido pelo Projeto Casulo, antes e após a participação no Grupo, constituíram os principais textos de campo utilizados para a construção das análises.

As transcrições das entrevistas para análise foram realizadas pelas três estudantes que atuam na execução do projeto Casulo e fizeram parte da pesquisa coletiva atrelada ao PIBIC. Inicialmente havia 21 áudios gravados, mas apenas 20 foram transcritos, porque um participante não concluiu sua participação nos 18 encontros do projeto.

Com a definição do número de entrevistas que seriam submetidas ao processo de transcrição, o trabalho foi dividido entre as estudantes participantes do

projeto. As graduandas Ana Carolina Barbosa Silva e Andressa da Silva Martins ficaram responsáveis por transcrever as entrevistas de três participantes cada, totalizando seis entrevistas, sendo três referentes ao primeiro formulário, aplicado no primeiro encontro, e três referentes ao segundo formulário, aplicado no penúltimo encontro.

As oito entrevistas restantes — quatro realizadas antes da participação no projeto e quatro após sua conclusão — foram transcritas por, Jayne Miranda da Silva, considerando que esse material era fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa e a transcrição constituía um primeiro passo para a análise, pois me colocaria em contato profundo com o texto de campo da pesquisa.

Considerando que alguns participantes possuíam certa dificuldade na formulação das respostas, o que exigia muita atenção para garantir fidelidade de suas falas, utilizei como recurso o aparelho celular e o notebook, realizando todas as transcrições por meio da escuta dos áudios no celular e do registro simultâneo das respostas em um documento do Word no notebook. Optei pela realização manual das transcrições por compreender que esse procedimento seria mais eficaz, uma vez que dispensaria correções posteriores frequentemente necessárias quando se utilizam aplicativos de transcrição automática. Além disso, esse processo favoreceu uma escuta mais atenta e cuidadosa das narrativas produzidas pelos participantes.

Ao final desse processo, foram produzidas 40 páginas de transcrição, sendo 20 referentes às entrevistas realizadas antes da inserção dos participantes no grupo e 20 páginas referentes às entrevistas realizadas após sua participação.

Os formulários aplicados, cujas respostas devidamente transcritas compõem os textos de campo desta pesquisa, foram elaborados no intuito de conhecer as ideias iniciais sobre homem, mulher e violência dos participantes do Grupo Reflexivo, bem como entender a relação deles com a leitura. O formulário diagnóstico inicial, contém 30 perguntas, organizados em 4 seções distribuídas em: identificação; dados sociais; dados educacionais e hábitos de leitura; e perguntas diagnósticas acerca das concepções sobre homens, mulheres e violência conforme pode ser melhor observado no apêndice A.

O formulário final, disponível no apêndice B, por sua vez, reproduz as questões do formulário inicial a fim de propiciar um quadro comparativo das respostas antes e após a participação no Grupo Reflexivo e acrescenta uma seção

específica para impressões sobre a leitura da obra *Tudo é rio*, lida coletivamente ao longo dos encontros.

A aplicação destes formulários orientadores de entrevistas foi realizada de forma individual, em uma sala reservada, conduzida e gravada por dois integrantes do Projeto Casulo: a entrevista inicial foi conduzida por dois membros da CEPEMA, incluindo o professor Thiago de Melo Barbosa e a discente Andressa da Silva Martins; e a final pelos professores Aline Campos e Thiago de Melo Barbosa, acompanhados das graduandas Ana Carolina Barbosa Silva e Andressa da Silva Martins. Foram realizadas 21 entrevistas, sendo 11 realizadas com os homens antes da participação no Grupo e 10 com os que concluíram a participação nos 18 encontros. Como um participante não concluiu os 18 encontros, sua entrevista não foi incluída nas transcrições para esta pesquisa, pois não haveria como comparar suas percepções antes e após a participação no Projeto Casulo.

2.4.2 Procedimentos para análise

Como visto anteriormente, a realização desta pesquisa emerge da minha participação no GEPEPro-livre e atuação no Projeto Casulo. No entanto, esclareço que ingressei no projeto em 2024. Participando do segundo e do terceiro Grupo Reflexivo do Projeto Casulo. Porém, não participei do primeiro grupo, que é o objeto de análise desta pesquisa.

Ainda assim, a participação nos grupos posteriores mostrou-se fundamental para a compreensão da dinâmica de funcionamento do Projeto Casulo, de sua metodologia, das estratégias de condução dos encontros e das interações estabelecidas entre equipe e participantes. Essa experiência permitiu uma aproximação com o contexto da pesquisa e forneceu elementos importantes para a interpretação das narrativas produzidas pelos homens que integraram o primeiro Grupo Reflexivo.

Por outro lado, o fato de não ter participado diretamente da execução do grupo analisado também produziu um certo distanciamento em relação ao campo investigado. Se, por um lado, a inserção direta no processo pode proporcionar maior familiaridade com os sujeitos e com as situações vivenciadas, por outro, pode também gerar envolvimento e pressupostos que influenciam a interpretação dos dados. Nesse sentido, a não participação no primeiro grupo pode ser compreendida

como um elemento que favorece um olhar mais distanciado sobre as narrativas analisadas, sem que isso elimine os desafios inerentes a qualquer processo interpretativo. Assim, reconhece-se que tanto a proximidade quanto o distanciamento em relação ao campo apresentam potencialidades e limites para a pesquisa, constituindo dimensões que precisam ser permanentemente problematizadas ao longo do percurso investigativo.

Após todas as entrevistas serem transcritas, foi realizada a leitura flutuante desse material. Conforme Bardin (2016), essa é uma leitura onde destacam-se as primeiras compreensões de violência, ainda sem categorias definidas, buscando identificar as compreensões de violência expressas nas falas dos homens participantes do 1º Grupo Reflexivo desenvolvido pelo Projeto Casulo.

Após a leitura flutuante do material, destacamos e identificamos as unidades de sentido que expressam compreensões de violência. Após essa organização inicial, adentramos no processo de categorização, reunindo sentidos similares em categorias de análise. Com essa primeira sistematização criamos uma tabela no *Google Docs* dividida em três colunas: categoria, unidades de sentido e fonte. Na coluna “categoria” colocamos a ideia aglutinadora das unidades de sentido; na coluna “unidades de sentido” colocamos os trechos das falas transcritas; e na coluna “fonte” especificamos o autor da fala.

Após essa primeira organização, ao analisar as unidades de sentido, percebemos que algumas delas poderiam ser compreendidas a partir de mais de uma categoria analítica, evidenciando aproximações e sobreposições entre os temas inicialmente identificados. Diante disso, realizamos um novo processo de agrupamento, construindo categorias mais amplas e abrangentes, capazes de contemplar um conjunto maior de enunciados e sentidos expressos pelos participantes. Esse movimento permitiu reduzir o número de categorias sem perder a riqueza e a complexidade do material analisado, tornando o processo analítico mais consistente e favorecendo a identificação de padrões e recorrências presentes nas narrativas.

Ainda assim, apesar dos esforços empreendidos, percebíamos que as categorias ainda não apresentavam delimitações suficientemente claras para sustentar a análise. Por isso, passamos a destacar as ideias mobilizadas em cada categoria, levando em consideração as unidades de sentido que a compunham.

Com esse objetivo, elaboramos uma nova tabela organizada em três colunas: categorias mais amplas, ideias mobilizadas e unidades de sentido (frases).

Esse procedimento permitiu um maior refinamento analítico, pois possibilitou identificar não apenas o que era dito pelos participantes, mas também os sentidos e compreensões que sustentavam suas falas. A partir desse novo exercício, imprimimos as ideias mobilizadas em cada categoria para facilitar o processo de criação dos grandes eixos de análise. Optamos pela impressão do material porque a visualização em tela do notebook se mostrava limitada diante da extensão da tabela, exigindo ficar rolando a tela para cima e para baixo constantemente, dificultando uma percepção mais ampla do conjunto de informações.

Com o material impresso, realizamos um trabalho coletivo de análise, buscando identificar as temáticas mais abrangentes que atravessaram as diferentes ideias mobilizadas pelos participantes e presente em suas falas. O manuseio físico do material permitiu reorganizar, aproximar e comparar categorias e sentidos de forma mais dinâmica, favorecendo a construção de relações entre as ideias e, conseqüentemente, unidades de sentido.

Imagem 3: Organização coletiva dos dados da pesquisa.



Fonte: arquivo do GEPEPro-livre

Ao final desse processo, as ideias mobilizadas e suas respectivas unidades de sentido (frases) foram agrupadas em três grandes temas de análise, subdivididos em categorias, conforme apresentado no quadro abaixo:

Quadro 3: Síntese da sistematização das compreensões de violência dos homens autores de violência doméstica participantes do 1º Grupo Reflexivo do Projeto Casulo

GRANDE TEMA	CATEGORIA	
		SUB-CATEGORIAS
Mentalidades associadas a estereótipos de gênero	Homem	Pressão social para ser provedor
		Naturalização da ausência masculina/paterna
		Imprecisão/silêncio
	Mulher	Naturalmente submissa/à serviço
		Vulnerável
		Descartável/objeto
Compreensões sobre violência	Agressão Física	
	Violência vivida	
	Pessoal/Interpretativa	
	Falta de fé	
Desresponsabilização	Não percepção da violência	
	Transferência da culpa	
	Imprecisão na definição de respeito à mulher	

Fonte: Elaboração própria.

O processo de categorização e recategorização das narrativas permitiu identificar três grandes temas que atravessam as falas dos participantes e contribuem para compreender suas percepções sobre si mesmos, sobre as mulheres e sobre as situações de violência que vivenciaram. Embora apresentados separadamente para fins analíticos, esses temas encontram-se interligados e, em diversos momentos, sobrepõem-se nas narrativas produzidas pelos homens participantes do Grupo Reflexivo.

O primeiro grande tema, **Mentalidades associadas a estereótipos de gênero**, reúne compreensões relacionadas aos papéis socialmente atribuídos a

homens e mulheres. Neste eixo, destacam-se percepções acerca da masculinidade vinculada à responsabilidade pelo sustento da família, à naturalização da ausência paterna e a presença de discursos marcados por imprecisões e silêncios sobre o que significa ser homem. Em relação às mulheres, emergem concepções que as associam à submissão, à vulnerabilidade e, em alguns casos, à objetificação, evidenciando a permanência de representações de gênero historicamente construídas.

O segundo tema, **Compreensões sobre violência**, contempla os diferentes sentidos atribuídos pelos participantes ao fenômeno da violência. As narrativas revelam entendimentos diversos, que vão desde associações da violência a características individuais e traços de personalidade até sua redução à agressão física. Também aparecem interpretações marcadas por experiências pessoais, pela dimensão religiosa e por dificuldades em delimitar conceitualmente o que constitui uma prática violenta ou uma relação pautada no respeito às mulheres.

Por sua vez, o terceiro tema, **Desresponsabilização**, reúne falas que evidenciam mecanismos discursivos por meio dos quais os participantes tendem a minimizar, justificar ou deslocar a responsabilidade por seus atos. Neste eixo, destacam-se movimentos de não reconhecimento da violência praticada, transferência da culpa para terceiros ou para circunstâncias externas e outras estratégias narrativas que dificultam que eles assumam a responsabilidade pelas situações de violência cometidas.

Esses três grandes temas não esgotam a complexidade das narrativas produzidas pelos participantes, mas constituem importantes chaves interpretativas para compreender os sentidos atribuídos às relações de gênero e à violência doméstica. Nas seções seguintes, cada um desses temas será analisado detalhadamente, juntamente com suas respectivas categorias e subcategorias, buscando evidenciar as compreensões mobilizadas pelos participantes e as possíveis contribuições do Grupo Reflexivo para sua problematização.

Todo o processo de categorização foi realizado em 2 etapas: primeiro com as entrevistas iniciais e depois com as finais. Nesse sentido, evidenciou-se que algumas categorias se repetiam, enquanto novas categorias surgiram na entrevista final. Por isso, optou-se por usar o termo "não consta" quando a narrativa de uma determinada categoria não foi mais manifestada após a intervenção do grupo e, também, quando a narrativa surgiu somente no momento após a intervenção, não tendo registro no

momento anterior. Vale destacar ainda que a organização das narrativas nas categorias foi feita por proximidade utilizando o critério de "proximidade das ideias", agrupando na mesma categoria as falas que manifestam as mesmas ideias sem levar em consideração quem disse cada uma.

3. MENTALIDADES ASSOCIADAS A ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

As compreensões sobre violência doméstica não são produzidas de forma isolada, pelo contrário, encontram-se profundamente relacionadas às concepções que os sujeitos constroem acerca do que significa ser homem e ser mulher em uma determinada sociedade. Nesse sentido, antes de analisar diretamente as narrativas sobre a violência, torna-se necessário compreender as mentalidades e os estereótipos de gênero que atravessam as falas dos participantes, uma vez que estes constituem o pano de fundo a partir do qual as relações afetivas, familiares e conjugais são interpretadas e vivenciadas.

Diante disso, esta seção dedica-se à análise das mentalidades associadas aos estereótipos de gênero presentes nas narrativas dos participantes, explorando as compreensões relacionadas às categorias "homem" e "mulher" e suas respectivas subcategorias. Buscamos, com isso, compreender como essas representações são manifestadas pelos participantes do projeto a fim de subsidiar a reflexão acerca das concepções de gênero que orientam suas formas de perceber a si mesmos, as mulheres e as relações que estabelecem. Ao identificar tais compreensões, torna-se possível problematizar os valores, crenças e expectativas socialmente construídos que, muitas vezes, contribuem para a naturalização de desigualdades de gênero e para a reprodução de relações marcadas por assimetrias de poder, elementos centrais para a compreensão da violência doméstica e familiar contra a mulher.

3.1 Homem

Uma das compreensões mais recorrentes nas narrativas dos participantes associa a identidade masculina ao papel de provedor da família. Quando questionados sobre o que caracteriza um homem, os entrevistados mobilizam elementos relacionados ao trabalho, à responsabilidade financeira e ao sustento familiar, evidenciando a força de um modelo tradicional de masculinidade ainda amplamente presente em nossa sociedade.

Quadro 4: Concepções sobre homem-provedor

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo Reflexivo
<i>“Para mim, para ser um homem tem que ter uma responsabilidade muito séria, trabalhar, cuidar da família.” - Íris</i>	<i>“O homem, para ser homem, ele tem que mostrar que ele é homem, fazer as coisas que deve fazer em casa, respeitar a mulher, não deixar faltar nada em casa. Deixa eu ver o que mais.... só.” - Íris</i>
<i>Eu nasci homem. Mas é pai de família, trabalhar, ser responsável [o que o caracteriza como homem] - Crisântemo</i>	<i>Ser um homem responsável, um homem protetor da família, ser um bom pai, bom marido.” - Crisântemo</i>
<i>“Ah, ser homem é cumprir com as obrigações e cuidar da família, cuidar da... Cumprir com suas obrigações, cuidar da família e se relacionar bem com as pessoas... e o básico”. - Lírio</i>	<i>“Poder trabalhar, né, ter força. E... ter respeito ao próximo e... Só isso aí mesmo [o que o caracteriza como homem]” - Lótus</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

As falas revelam a permanência de uma compreensão segundo a qual o valor social do homem está diretamente relacionado à sua capacidade de prover materialmente sua família. Essa percepção dialoga com o que autores como Connell (1995) denominam masculinidade hegemônica, isto é, um modelo idealizado de ser homem que valoriza atributos como força, autonomia, autoridade e capacidade de sustento econômico. Embora nem todos os homens consigam alcançar esse ideal, ele permanece operando como referência normativa que orienta comportamentos, expectativas e formas de avaliação social da masculinidade.

Nessa lógica, o trabalho deixa de ser apenas uma atividade produtiva e passa a constituir um elemento central da identidade masculina. Como destaca Saffioti (2015), a divisão sexual do trabalho historicamente atribuiu aos homens a responsabilidade pela provisão econômica da família, enquanto às mulheres foi reservado o espaço doméstico e as tarefas de cuidado. Ainda que profundas transformações sociais tenham ampliado a participação feminina no mercado de trabalho, tais representações continuam presentes no imaginário social e aparecem reproduzidas nas narrativas dos participantes.

Ao mesmo tempo, esse modelo produz impactos não apenas para as mulheres, mas também para os próprios homens. Quando não conseguem corresponder às expectativas associadas ao papel de provedor, muitos experimentam sentimentos de fracasso, inadequação, frustração, ansiedade e sofrimento psíquico. Nesse sentido, as masculinidades também podem ser compreendidas como construções sociais que impõem exigências e cobranças específicas aos homens, embora esses custos não possam ser equiparados às desigualdades estruturais e às violências sofridas pelas mulheres. Assim, as falas dos participantes evidenciam como os estereótipos de gênero produzem efeitos concretos sobre as formas de ser homem e de se relacionar consigo mesmo e com os outros.

No que se refere especificamente à subcategoria **pressão social para ser provedor**, a comparação entre as entrevistas realizadas antes e após a participação no Grupo Reflexivo revela a permanência dessa compreensão como elemento central na definição do que significa ser homem. Em ambos os momentos, os participantes associam a masculinidade ao cumprimento de responsabilidades, ao trabalho e ao sustento da família, indicando a força desse modelo em suas percepções. Entretanto, nas entrevistas finais, observa-se o acréscimo de elementos como ser um bom pai, um bom marido e respeitar a mulher, aspectos que não apareciam de forma tão explícita nas respostas iniciais. Embora tais elementos não representem uma ruptura com a lógica do homem-provedor, sugerem um alargamento dos atributos considerados importantes para a identidade masculina. Assim, ao menos nesta subcategoria, as narrativas apontam menos para uma desconstrução do papel tradicional de provedor e mais para a incorporação de novas responsabilidades relacionais e afetivas ao repertório utilizado pelos participantes para definir o que é ser homem.

Essa compreensão da masculinidade também parece estar relacionada a outra questão que emerge com força nas entrevistas: a naturalização da ausência paterna nos processos de socialização masculina. Quando questionados sobre quem os ensinou a ser homem, diversos participantes mencionam exclusivamente a figura materna.

Quadro 5: Concepções sobre quem ensina às pessoas como ser homem

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo Reflexivo
<i>“Minha mãe me ensinou a ser homem.”</i> - Narciso <i>“Minha mãe [que ensinou a ser homem]. - Lótus</i> <i>“Não [ninguém me ensinou a ser homem]. [...] Não. Não vejo não [nenhum homem como exemplo]”</i> - Girassol <i>“Sim, minha mãe. Eu fui criado só por mãe, ela me ensinou muito do jeito dela, no alfabeto, que a gente é [filho] de pai e mãe, mas ela só me ensinava”</i> - Antúrio	Não consta.

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

As respostas chamam atenção não apenas pela recorrência, mas pela aparente naturalidade com que são apresentadas. Em nenhum dos casos a ausência da figura paterna é problematizada pelos participantes; ela surge como algo esperado ou mesmo normal. Tal aspecto dialoga com reflexões de autores como Welzer-Lang (2001), que apontam como muitos homens são socializados em contextos nos quais o cuidado, a expressão dos afetos e a educação cotidiana são atribuídos quase exclusivamente às mulheres. Dessa forma, os homens crescem frequentemente sem referências masculinas diretamente envolvidas nas tarefas de cuidado, reforçando a compreensão de que tais responsabilidades pertencem prioritariamente ao universo feminino.

As narrativas revelam, portanto, um paradoxo significativo: Embora os participantes associem a identidade masculina à responsabilidade pela família, essa responsabilidade aparece predominantemente vinculada ao sustento financeiro, e não ao cuidado cotidiano dos filhos ou à construção de vínculos afetivos. Assim, a figura do pai-provedor tende a sobrepor-se à do pai-cuidador. Tal dissociação contribui para a reprodução de modelos de masculinidade que limitam a participação dos homens nas tarefas de cuidado e reforçam a divisão sexual do trabalho,

perpetuando desigualdades de gênero que atravessam as relações familiares e conjugais.

Nesse sentido, as falas analisadas evidenciam que as concepções de masculinidade mobilizadas pelos participantes não são construções individuais, mas expressões de um processo histórico e cultural mais amplo. Ao compreender o homem como provedor e ao naturalizar sua relativa ausência nas atividades de cuidado, essas narrativas reproduzem expectativas de gênero que ajudam a sustentar relações hierárquicas entre homens e mulheres, constituindo um importante elemento para a compreensão das dinâmicas que permeiam a violência doméstica e familiar.

Diferentemente da subcategoria anterior, a **naturalização da ausência masculina/paterna** emergiu apenas nas entrevistas realizadas antes da participação no Grupo Reflexivo. Esse desaparecimento constitui, por si só, um elemento relevante para a análise. Embora não seja possível afirmar que tenha ocorrido uma mudança de compreensão acerca da ausência paterna ou dos processos de socialização masculina, o fato de essa questão deixar de aparecer nas respostas sugere que outros elementos passaram a ocupar maior centralidade quando os participantes refletiam sobre o que significa ser homem. Tal deslocamento pode indicar que, após a experiência no Grupo Reflexivo, os participantes passaram a mobilizar outras referências para pensar a masculinidade, ainda que a questão da ausência paterna permaneça como um aspecto importante. Por fim, mas não menos relevante, a categoria **Imprecisão/silêncio** foi construída a partir de dois movimentos distintos observados nas entrevistas. Nas narrativas iniciais, destacaram-se os silêncios, as dificuldades de resposta e as manifestações explícitas de não saber, enquanto nas entrevistas finais emergiram respostas mais elaboradas, porém marcadas por imprecisões conceituais. Em ambos os casos, o que chama atenção não é apenas o conteúdo das falas, mas também aquilo que os participantes demonstram dificuldade em nomear, explicar ou definir.

Quadro 6: Frases que indicam imprecisão para responder ou silêncio

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo Reflexivo
Não consta	<i>“Não, isso aí, o que já passou na minha cabeça eu esqueci já. [o que é violência].” - Girassol</i>
	<i>“Essa aí, não tô por dentro, não [os impactos da violência].” - Íris</i>
	<i>“Eu não sei te dizer isso não [o que o caracteriza como homem].” - Jacinto</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

Os silêncios e as respostas imprecisas apontam para os limites dessas reflexões, evidenciando aspectos que permanecem pouco elaborados ou insuficientemente compreendidos pelos participantes do Grupo Reflexivo.

Ao comparar os dois momentos, percebe-se que os silêncios iniciais tendem a ceder espaço para tentativas de formulação de respostas nas entrevistas finais, ainda que, em alguns casos, essas respostas consistem justamente no reconhecimento da dificuldade de definir ou compreender o tema. Embora isso não signifique, necessariamente, a construção de compreensões mais críticas ou aprofundadas, pode indicar que a participação no Grupo Reflexivo estimulou os homens a se confrontarem com questões sobre as quais anteriormente pouco refletiam ou sequer conseguiam verbalizar. Nesse sentido, o reconhecimento do próprio não saber também pode ser compreendido como um movimento relevante, na medida em que rompe com a naturalização de determinadas concepções e explicita a necessidade de reflexão. Assim, mesmo quando persistem dúvidas, contradições ou imprecisões, a passagem do silêncio para a explicitação dessas dificuldades constitui um elemento importante para compreender os possíveis efeitos do processo reflexivo vivenciado pelos participantes.

3.2 Mulher

Outro aspecto que emerge na fala dos participantes evidencia uma visão tradicional sobre a mulher, que a coloca na condição de alguém importante por exercer o papel de quem cuida. Quando questionados sobre quais mulheres são importantes para eles, as respostas dos participantes giram em torno da mãe ou da esposa, e a justificativa para essa escolha está atrelada à função do cuidado.

Quadro 7: Concepções da mulher como naturalmente submissa/à serviço

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo Reflexivo
<i>“Porque a mulher é importante pro homem, porque ela ajuda muito o homem, né? Lavar roupa, faz comida.”</i> - Íris	Não consta.
<i>“A minha mãe mesmo [é uma mulher importante]. [...] É porque ela cuida de mim até hoje.”</i> - Lótus	
<i>“Minha mãe, minha esposa. Porque são pessoas que me fazem feliz e cuidam de mim.”</i> - Crisântemo	
<i>“Sabe, só minha mãe mesmo [é uma mulher importante].”</i> - Narciso	

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

Essa valorização da figura feminina, justificada pelo cuidado, dialoga com Renk, Buziquia e Bordini (2022) ao destacarem que o trabalho feminino doméstico, historicamente voltado para cuidar, limpar e ensinar, segue desqualificado e invisível socialmente, mesmo sendo base para a manutenção da vida cotidiana. Desse modo, fica evidente a valorização da mulher apenas pela sua utilidade, reforçando também a ideia de que o cuidado é um dever feminino e não uma tarefa que precisa ser compartilhada entre todos.

Em *A vontade de mudar: homens, masculinidades e amor*, Bell Hooks (2025) faz uma discussão de como o patriarcado ensina aos meninos que eles têm direito de dominar e às mulheres que elas têm o dever de cuidar. Por isto, a mãe se torna

importante já que cumpre o papel que foi designado: o de cuidadora. É por esse mesmo motivo que, na vida adulta, a figura da esposa passa a ocupar o lugar da mãe. As duas ocupam o mesmo lugar simbólico: o de quem garante o bem-estar dos homens.

Ampliando essa discussão, Zanello (2022) aponta que o cuidado ocupa um lugar de ambivalência nas relações. Quando recebido, age como fator de proteção, porém, quando exercido de maneira unilateral, torna-se um fator de risco. Nessa lógica, o casamento é protetivo para os homens e fator de risco para as mulheres, uma vez que os homens “ganham” alguém para cuidar deles, da casa e dos filhos, enquanto as mulheres se sobrecarregam com o trabalho doméstico e todas tarefas voltadas ao cuidado.

Diante disso, percebe-se que as concepções apresentadas na fala dos participantes do Grupo Reflexivo não são falas isoladas, mas reproduzem uma estrutura social que naturaliza a mulher como **naturalmente submissa**, e como a única responsável por desempenhar a função do cuidado.

Vale destacar que essa concepção não foi reproduzida na entrevista final. Contudo, não significa necessariamente uma transformação de percepção, mas sim a ausência do questionamento sobre “quais mulheres são (ou foram) importantes em sua vida?” no formulário da entrevista.

Ainda dentro desta subcategoria, surgiu a perspectiva social que associa vulnerabilidade à figura feminina. Essas narrativas que associam a mulher como uma pessoa frágil, e **vulnerável** é um dos pilares da hierarquia de gênero e contribui para a sustentação da violência doméstica.

Quadro 8: Concepção da mulher como vulnerável

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo Reflexivo
<i>“É porque uma mulher não tem força como um homem, e o cara tem que ter respeito.” - Lótus</i>	<i>“Porque a mulher não tem força pra homem.” - Narciso</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

Maroneze (2021, p. 165) destaca que o que entendemos por ser homem e mulher é apenas uma construção social. Aprendemos socialmente que as mulheres

são “[...] a personificação da fragilidade e da delicadeza, e os homens correspondem à seriedade e a valentia, dentre tantas outras associações que podem ser feitas, contudo, todas elas evidenciam a força do masculino em detrimento do feminino.” Em razão disso, as mulheres são vistas como alguém que necessita de cuidado e esse cuidado na maioria das vezes se manifesta em forma de controle.

Apesar da visão de fragilidade atribuída à figura feminina ter sido socialmente construída e perpetuada ao longo dos anos, não foi uma concepção que foi manifestada de maneira tão expressiva pelos entrevistados. No entanto, sua aparição é significativa, pois se deu tanto nas entrevistas iniciais quanto finais e se associa à justificativa para que sejam respeitadas, o que é problemático. Isso porque o reconhecimento do respeito como um direito não deveria estar condicionado a uma suposta vulnerabilidade ou fragilidade feminina, mas fundamentado na compreensão da igualdade de dignidade, direitos e autonomia entre homens e mulheres. Quando o respeito é justificado pela ideia de que as mulheres são mais frágeis e, por isso, necessitam de proteção, acabam sendo reforçados estereótipos de gênero que historicamente sustentaram relações assimétricas de poder. Nesse sentido, embora tal discurso possa indicar uma postura contrária à violência, ele ainda se ancora em concepções paternalistas que limitam o reconhecimento das mulheres como sujeitos plenos de direitos.

Outra concepção problemática é a que coloca a mulher como um ser descartável ou a objetifica.

Quadro 9: Concepção da mulher como ser descartável e/ou objeto

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo Reflexivo
<i>“A gente tem que fazer tipo: a gente tá com uma mulher, não deu certo uma vez, a gente separa e caça uma outra melhor ali, né?”</i> . - Narciso	Não consta.

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

Embora a ideia de objetificação da mulher esteja amplamente presente em diferentes práticas e discursos sociais, contribuindo para sua redução à condição de objeto de desejo, posse ou consumo, essa compreensão da mulher como

descartável apareceu de forma pontual nas narrativas dos participantes. Ainda assim, sua ocorrência merece atenção, especialmente por ter sido identificada apenas nas entrevistas realizadas antes da participação no Grupo Reflexivo. A fala apresentada sugere uma percepção das relações afetivas marcada pela lógica da substituição e da disponibilidade de mulheres como opções a serem escolhidas e descartadas conforme os interesses masculinos. Tal entendimento dialoga com a discussão proposta por Valeska Zanello (2022) acerca da "prateleira do amor", metáfora que evidencia como as mulheres são socialmente posicionadas em um sistema de avaliação permanente, no qual seu valor é definido a partir de critérios de desejabilidade estabelecidos pelo olhar masculino. Nessa lógica, as mulheres ocupam lugares hierarquizados em uma espécie de prateleira simbólica, podendo ser escolhidas, preteridas ou substituídas, enquanto os homens são socialmente autorizados a exercer o papel de avaliadores.

A afirmação de que, diante do insucesso de uma relação, basta "caçar uma outra melhor" explicita essa dinâmica de consumo afetivo, na qual as mulheres aparecem como bens disponíveis para comparação e substituição. Mais do que uma percepção individual, trata-se da expressão de um processo cultural que naturaliza a objetificação feminina e reforça relações de poder desiguais entre homens e mulheres. Nesse sentido, ainda que pouco frequente, a presença desse discurso revela a persistência de concepções associadas à hierarquização e à mercantilização das relações afetivas, tornando relevante o fato de que ela não tenha reaparecido nas entrevistas realizadas após o percurso reflexivo.

4. COMPREENSÕES SOBRE VIOLÊNCIA

Adentrando especificamente às compreensões de violência, as falas dos participantes do Projeto Casulo revelaram quatro principais entendimentos. O primeiro deles evidencia o entendimento da violência como algo que deixa marcas visíveis, ou seja, a chamada violência física.

A violência ser principalmente compreendida como física, está diretamente ligada à forma como os homens entendem seus próprios atos. E, por isso, muitas vezes chegam ao Grupo Reflexivo negando terem cometido violências justamente por não ter sido necessariamente uma violência física. Como consequência, práticas de controle, humilhação, intimidação, manipulação emocional e outras formas de violência psicológica, moral, sexual ou patrimonial tendem a ser naturalizadas ou minimizadas.

As falas dos participantes sugerem, portanto, que a **agressão física** ocupa um lugar privilegiado no imaginário social como parâmetro para definir o que é ou não violência.

Quadro 10: Concepção sobre o que é entendido como violência.

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo
<i>“Espancar a mulher, xingar também...” - Cravo</i>	<i>“Olha, a violência é quando uma pessoa agride outra pessoa, né?” - Lótus</i>
<i>“Violência é agredir o povo, é furar, bater em mulher, isso é violência... Agressão verbal.” - Girassol</i>	<i>“A violência é igual eu falei no início: pegar na mão da mulher e puxar ela. O homem empurra a mulher... essas coisas.” - Cravo</i>
	<i>“Para mim violência é agarrar, agredir o povo, bater, puxar, falar xingando, xingar, ficar agredindo as pessoas verbalmente.” - Girassol</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

Essas narrativas refletem um distanciamento do entendimento de violência previsto na legislação brasileira, sobretudo considerando que a Lei Maria da Penha

(Lei nº 11.340/2006) amplia o entendimento de violência para condutas que resultem em sofrimento psicológico, dano patrimonial para além da violência física.

Essa ausência de um entendimento mais abrangente faz com que as demais condutas violentas sejam difíceis de identificar e serem reconhecidas como tal.

Ademais, a comparação entre as entrevistas realizadas antes e após a participação no Grupo Reflexivo revela, nessa categoria específica, mais elementos de permanência do que de transformação nas compreensões de violência. Tanto antes quanto depois, os participantes continuam associando a violência, predominantemente, a agressões físicas e verbais.

Observa-se também que mesmo conseguindo expressar uma definição para violência, existe ainda dificuldade em exemplificá-las de maneira concreta, o que sugere uma compreensão superficial do conceito.

No conjunto de dados, chama atenção uma segunda categoria, derivada de fala que relativiza o conceito de violência, afirmando tratar-se de uma compreensão **pessoal/interpretativa**. Ou seja, a violência estaria vinculada à interpretação individual, de modo que uma situação para ser considerada violenta ou não dependeria de como a pessoa a entende ou sente.

Quadro 11: Concepção de que a violência é interpretativa/pessoal

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo Reflexivo
<i>“Ah... violência... tem a verbal, tem a física... e eu acho que a violência... tem várias interpretação... porque tem a verbal e tem a física, que a pior é a física, mais a violência verbal também... ela deixa muito a pessoa chateada. E eu acho que a violência tanto faz ser verbal, como física... nenhuma são... não são boas.” - Lírio</i>	<i>“Ah, não sei... Não sei falar não...[porque existe violência entre as pessoas] Cada um tem sua... sei lá, cada um tem seu jeito, né!” - Hortensio</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

Essa perspectiva demanda problematização, especialmente no campo do enfrentamento à violência contra as mulheres. Embora a vivência subjetiva da vítima seja um elemento fundamental para compreender os impactos da violência, a caracterização de uma prática violenta não pode ficar restrita à interpretação

individual dos envolvidos. Se assim fosse, condutas objetivamente violentas poderiam ser justificadas ou minimizadas sob o argumento de que não foram percebidas como violência por quem as praticou ou até mesmo por quem as sofreu, situação bastante comum em contextos marcados pela naturalização das desigualdades de gênero.

De igual forma, é problemática a compreensão da violência como algo pessoal no sentido de constituir-se como um traço de personalidade, como sugere Hortênsio. Reduzir a violência a algo inato implica desconsiderar fatores sociais que a atravessam, como: o contexto familiar, o ambiente em que o sujeito se desenvolveu e a estrutura social ao qual está inserido. Portanto, entender a violência como resultado da personalidade é desconsiderar a influência que meio que estamos inseridos e reforçar a ideia que o homem é violento por natureza.

Nesse sentido, a existência de marcos legais e conceituais claros torna-se fundamental. No contexto brasileiro, a Lei Maria da Penha estabelece parâmetros objetivos para a identificação da violência doméstica e familiar contra a mulher, reconhecendo que ela pode se manifestar por meio de diferentes formas: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. A legislação representa, por isso, um importante avanço, definindo critérios que permitem reconhecer situações de violação de direitos mesmo quando elas foram naturalizadas ou banalizadas pelos envolvidos.

Vale ressaltar que, embora a fala de Lírio demonstre certa sensibilidade reflexiva, ela evidencia também a complexidade da temática e importância de aprofundamento na discussão.

Além de aspectos que nos permitem analisar as compreensões sobre a violência cometida, as falas dos participantes também nos permite observar que há em suas trajetórias a **violência vivida**.

Quadro 12: Impactos da violência vivida.

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo Reflexivo
<i>“É. Peguei muita pancada na cabeça, corrente, de tijolo e talo de coco. Sem</i>	Não consta.

<i>merecer, eu fiquei assim ó, nervoso, esqueço das coisas. [...] Com esses problemas de pressão, né? Sou nervoso, não durmo direito [depois de sofrer violências físicas]. [...] Eu não posso trabalhar muito assim todo dia no sol quente, não posso trabalhar fichado [com carteira assinada], porque fica assim, tipo assim, estalando as veias da cabeça.” - Narciso</i>	
--	--

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

Os impactos da violência vivida podem ser profundos e duradores, afetando a saúde física e emocional, além de afetar a capacidade de estudo e trabalho. Essas experiências com a violência causam marcas irreversíveis que prejudicam a qualidade de vida e também o desempenho no trabalho, principalmente se tratando de pessoas que na maioria das vezes tem nível de escolaridade baixo e se dedicam a trabalhos braçais que requerem muita força.

Relatos como o de Narciso revelam um aparente paradoxo nas trajetórias de alguns destes homens: ocuparam a posição de vítima da violência e, posteriormente, passaram a responder por atos de violência contra a mulher. Longe de justificar ou minimizar suas responsabilidades, esse dado evidencia a complexidade do fenômeno da violência e a necessidade de compreendê-lo para além de uma lógica dicotômica que separa rigidamente vítimas e agressores.

Contudo, reconhecer a influência dessas trajetórias não significa estabelecer uma relação determinista entre ter sofrido violência e tornar-se autor de violência. Afinal, inúmeras pessoas vivenciam experiências violentas sem reproduzi-las. O que os relatos como esse permitem evidenciar é que a violência deve ser compreendida também como um fenômeno social e relacional, produzido em contextos históricos específicos e atravessado por questões de gênero, classe social e processos de socialização.

Essa discussão pode ser aprofundada a partir das contribuições Welzer-Lang (2001) acerca da chamada “Casa dos Homens”. Para o autor, a socialização masculina ocorre em espaços simbólicos e concretos nos quais os meninos aprendem, desde cedo, os códigos que definem o que significa ser homem em uma sociedade patriarcal. Nesse processo, a violência ocupa um lugar central, seja como experiência vivida, seja como mecanismo pedagógico de formação das

masculinidades. Os meninos são frequentemente submetidos a práticas de humilhação, punição, competição e demonstrações de força que funcionam como ritos de passagem para o universo masculino. Aprende-se, assim, que suportar a dor, não demonstrar fragilidade, impor-se sobre os outros e responder aos conflitos por meio da força são atributos valorizados da masculinidade. Como consequência, a violência tende a ser naturalizada e incorporada como uma forma legítima de relação consigo mesmo e com os demais. A “Casa dos Homens”, portanto, não apenas produz homens que sofreram violência, mas também contribui para a reprodução de práticas violentas, uma vez que transforma a agressão em elemento constitutivo da identidade masculina.

E, por último, a quarta categoria evidencia a compreensão da violência com **a falta de fé**.

Quadro 13: Violência como manifestação de falta de fé

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo Reflexivo
Não consta.	<i>“Tipo, a pessoa não tem fé, não reza, não conversa direitinho, não se entende.” - Narciso</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

Na perspectiva extraída da fala de Narciso, a violência não é compreendida prioritariamente como resultado de relações desiguais de poder, processos de socialização ou conflitos sociais, mas como consequência de uma insuficiência moral e espiritual do indivíduo. Esse entendimento tende a individualizar o fenômeno, deslocando a atenção de fatores estruturais, culturais e relacionais que também contribuem para a produção da violência.

No caso da violência contra as mulheres, uma análise centrada apenas na dimensão espiritual pode obscurecer o papel desempenhado pelas desigualdades de gênero, pelas normas patriarcais e pelos processos de socialização masculina na legitimação de práticas violentas.

De forma geral, o conjunto de categorias relacionadas às compreensões de violência dos homens participantes do Projeto Casulo revela que a participação nos encontros do Grupo Reflexivo não foi suficiente para promover transformações

substantivas em suas concepções sobre o fenômeno, embora a temática tenha sido abordada ao longo do processo. As análises das entrevistas realizadas antes e depois da intervenção demonstram a permanência de entendimentos predominantemente associados à violência física, às agressões verbais e a explicações de caráter individual ou moral, com poucas referências às dimensões estruturais, simbólicas e relacionais da violência.

Esse resultado não deve ser interpretado como evidência da ineficácia dos grupos reflexivos, mas como indicativo da complexidade dos processos de transformação de crenças e valores construídos ao longo de toda uma trajetória de socialização. Nesse sentido, é esperado que mudanças mais profundas demandem processos contínuos de reflexão, acompanhamento e problematização.

5. DESRESPONSABILIZAÇÃO

A desresponsabilização, comum em casos de violência doméstica, ocorre quando há certa dificuldade de assumir a responsabilidade pela prática violenta. Em vez de assumirem suas ações como resultado de escolhas pelas quais devem responder, é frequente a mobilização de estratégias discursivas que deslocam a culpa para fatores externos ou que minimizam a gravidade dos atos praticados. Esse movimento constitui um importante mecanismo de manutenção da violência, pois impede o reconhecimento da própria agência e dificulta a ruptura com padrões violentos de relacionamento. Nesse sentido, a responsabilização não se limita ao reconhecimento jurídico da autoria, mas envolve um processo de reflexão crítica sobre as próprias condutas, suas motivações e seus efeitos sobre a vítima.

Além disso, é necessário compreender a violência contra a mulher como fenômeno social intimamente atrelado aos processos de socialização, que se iniciam na infância e se estendem ao longo da vida. Os sujeitos não nascem violentos, eles aprendem, em diferentes espaços de socialização, formas de ser homem e de se relacionar com as mulheres que são violentas.

Nesse contexto, a desresponsabilização em relação ao ato de violência contra a mulher cometido, nos participantes do Projeto Casulo, foi observada por meio de três mecanismos: (1) a não percepção da violência; (2) a transferência da culpa e (3) a imprecisão na definição de respeito à mulher, como veremos a seguir.

A **não percepção da violência** se revela na fala dos homens quando negam terem se envolvido com atos violentos antes do crime contra a mulher que os conduziu ao Grupo Reflexivo, abrindo ressalvas para o que poderia ser entendido como “coisa de menino” ou “coisa de criança”. Ou seja, naturalizam comportamentos infantis violentos como “brincadeiras” e “briga de irmão” sem compreender tais socializações como primórdios de ações potencialmente violentas.

Quadro 14: A não percepção da violência

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo Reflexivo
<i>“Quando era menino só umas brincadeirinhas, mas era coisa de menino. Depois de adulto, Graças a</i>	Não consta.

<i>Deus, não.</i> ” - Antúrio	
<i>“Nunca. Essa aqui é a primeira vez.[...] Não, só briga de irmão. Mas assim... [...] Foi, sim, é só uma briguinha.”</i> - Lótus	

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

A família é o primeiro núcleo de socialização dos indivíduos. Conforme o Ministério da Saúde, ela é responsável por transmitir os primeiros “[...] valores, usos e costumes que irão formar as personalidades e a bagagem emocional das pessoas”. (Brasil, 2002, p.13). Nesse contexto, viver experiências violentas ainda na infância pode estabelecer um padrão para as futuras relações, tornando-se um recurso para a resolução de conflitos.

Considerando a influência do meio em que estamos inseridos, que pode interferir na forma como os indivíduos se relacionam com as outras pessoas, é corriqueiro que os autores de violência relatem episódios de violência sofrida no seio familiar e na infância. No entanto, essa violência sofrida é minimizada e entendida como “brincadeirinha” já que esses indivíduos não conseguem se reconhecer como vítimas. Este fator pode estar atrelado a falta de conhecimento de formas de violência mais sutis, o que pode contribuir para a perpetuação do ciclo da violência.

Contrariando o senso comum que associa a violência à natureza do homem, é uma construção social. E as experiências violentas vividas no seio familiar e na infância acabam servindo de espelho e, muitas vezes, podem ser reproduzidas nas relações conjugais.

Destaca-se que após a experiência de participação no Grupo Reflexivo, esses relatos da infância não apareceram provavelmente porque a pergunta que gerou essas respostas não foi reproduzida no formulário final

O segundo mecanismo, que é o mais central, dos homens para se desresponsabilizarem em relação ao ato de violência cometido é a **transferência da culpa** para fatores externos e até para a própria vítima, como forma de justificá-los. Isso ocorre, de acordo com Soares e Gonçalves (2020, p.90), por causa do “sentimento de injustiça e a dificuldade desses homens em reconhecerem que cometeram um crime decorrem da naturalização da violência nas relações conjugais e da minimização das consequências de tais atos.” Essa dificuldade de os homens reconhecerem o ato cometido tem raízes na naturalização da violência, que usa como respaldo para seus atos: a bebida, ciúmes e provocação feminina. Portanto,

seguindo essa lógica o autor de violência se torna apenas reativo e a vítima a “verdadeira” responsável.

Quadro 15: Transferência de culpa

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo Reflexivo
<i>“O que eu acho é pessoa que bebe, pessoa que fuma droga. Pessoa que entra na tentação do inimigo. A pessoa que faz coisas sem querer, sem ver e todo dia tá arrependido.” - Narciso</i>	<i>“Tipo, ciúme, a tentação do inimigo. O inimigo sempre está ajudando a fazer a tragédia pra gente. Então acontece, não é com todos. Mas acontece, ele ajuda, ele fica sorrindo ainda naquela gente. O inimigo atenta os inimigos em cima da terra. Aí quando acontece a tragédia, ele se sai da gente. Aí só sobra pra gente. Aí acontece esse tipo de coisa com a gente.” - Narciso</i>
<i>“Muitas vezes é a mulher que procura, né?” - Íris</i>	<i>“Aí aconteceu as tragédias por causa da bebida. Ela bebe, eu bebo.” - Narciso</i>
<i>“Há vários motivos, né? Se o cara faz alguma coisa com a mulher, é alguma coisa que ela fez, né? Hoje em dia tudo tem um motivo. [...] Eu falei, tipo, se a mulher erra, tá entendido? Ali já é um motivo já. Muitas vezes o cara não quer chegar na mulher, não quer conversar e nada, já quer saber partir pra cima já.” - Cravo</i>	<i>“A violência... no meu caso é eu não gosto de ser xingado, eu não gosto de ser agredido verbal...é ser xingado que foi violência verbal. De ser agredido fisicamente, é toda vida num não... Nem por homem, nem por mulher porque se me agredir eu vou revidar, mais se não me agredir verbalmente eu não vou agredir também e se não me agredir fisicamente eu também não vou agredir.” - Lírio</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

A mobilização dessas justificativas está atrelada ao conceito de “homem vítima”. Ao se colocarem como vítimas das circunstâncias, eles buscam blindar “e esvaziar as possibilidades de reflexão e responsabilização, pois desconsidera as relações hierárquicas de gênero e coloca a violência como conflito entre iguais” (Natividade, 2012 apud Soares; Gonçalves, 2020, p.91-92). Nessa lógica, a desigualdade de poder que existe na violência contra a mulher é totalmente

apagada, o que antes era uma forma de dominação, na versão deles torna-se apenas uma briga comum.

É comum, em outras experiências e projetos que promovem Grupos Reflexivos, que os homens cheguem alegando terem sido vítimas das mulheres e com um forte sentimento de injustiça, afirmando que a Lei protege apenas ou mais as mulheres, situação que também pudemos perceber no Projeto Casulo.

Para discutir essa percepção equivocada e a situar o próprio contexto e necessidade de criação da Lei Maria da Penha como ferramenta para equiparar as condições das mulheres, desenvolvemos no Projeto Casulo uma dinâmica intitulada *“Por que não existe a Lei Mário da Penha?”*. Essa proposta coloca os participantes para disputarem uma caminhada, saindo de um mesmo ponto e tendo por objetivo chegar todos ao mesmo lugar. No entanto, simulamos desigualdades nas condições da caminhada para provocar a reflexão. Para isso, amarramos as pernas de alguns e vendamos os olhos de outros. Ao final, depois de vivenciarem uma situação desigual concreta e sentirem “na pele” que uns precisam de maior suporte do que outros para terem as mesmas condições de atingirem o objetivo comum, o grupo é convidado a refletir se as condições dessa caminhada foram justas ou não. Essa atividade ajuda a mostrar de forma prática que homens e mulheres não estão em condições iguais numa sociedade estruturalmente machista, e negar isso faz com que acreditem que violência foi um conflito entre iguais, dificultando o processo de responsabilização.

Fato que chama atenção é a repetição desse mecanismos de transferência da culpa também na entrevista final, que está carregada de narrativas que evidenciam como o rompimento dessa lógica de dominação masculina é um processo lento que não se esgota num Grupo Reflexivo. Em ambos os momentos, antes e após a participação no Grupo Reflexivo, os participantes mobilizam explicações que deslocam a origem da violência para fatores externos ou compartilhados, reduzindo a centralidade de suas próprias escolhas e ações. Esse resultado reforça que a responsabilização constitui um processo complexo, que exige não apenas o reconhecimento jurídico da autoria, mas, sobretudo, a desconstrução de crenças e racionalizações historicamente produzidas e reforçadas pelos processos de socialização masculina. Contudo, essa desconstrução não se esgota no Grupo Reflexivo, muito pelo contrário, trata-se de um processo gradual, que dificilmente se consolida ao longo de poucos encontros. Nessa perspectiva, os

Grupos Reflexivos podem representar o início desse percurso, ao introduzirem questionamentos sobre concepções antes tidas como naturais, mas não o fim.

Essa transferência da culpa está diretamente ligada ao terceiro mecanismo de desresponsabilização que consiste na **imprecisão na definição de respeito à mulher**, pois a responsabilização só é possível quando há entendimento sobre o que seria desrespeitar uma mulher.

Quadro 16: A imprecisão na definição do respeito à mulher

Frases extraídas das entrevistas ANTES da participação no Grupo Reflexivo	Frases extraídas das entrevistas DEPOIS da participação no Grupo
<i>“Rapaz, é assim... Se eu for bem pensar é, é muitas coisinha, muitas coisinha que tem que ser [...] Convivência, é [...] igual eu falei, vem a parte do respeito, né; aí vem a parte da pessoa... é ter carinho, compreensão, às vezes tem que compreender um pouco o outro e compreender lá e compreender aqui, né. É uma das partes... tem muitas partezinhas assim que tem que ter.” - Jacinto</i>	<i>“Ééé... respeitar uma mulher (falou para si mesmo)... são muitos fatores, né... Ser gentil.” - Girassol</i>
<i>“Ah, respeitar uma mulher é... é não desrespeitar, é... respeitar... só que... Agora tem várias formas de não respeitar, agora... respeitar uma mulher... acho que... tem muitos requisitos pra respeitar uma mulher. E acredito... Toda mulher tem que ser respeitada, como o homem tem que ser respeitado. [...] Para descrever um assim... é fica até chato para descrever um um respeito assim, porque tem muitas formas de respeitar uma mulher...” Lírío</i>	<i>“Respeitar é... todo o processo de que as pessoas passam, tipo as decisões, as formas que ela pensa [...].” - Jacinto</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

As narrativas revelam a dificuldade em formular uma definição clara sobre o que significa respeitar uma mulher. Embora os participantes afirmem que o respeito é importante e mencionem elementos como carinho, gentileza, compreensão e consideração pelas decisões da outra pessoa, suas respostas permanecem vagas,

circulares e pouco objetivas, indicando que o respeito é percebido mais como um valor abstrato do que como uma prática concreta nas relações cotidianas.

Para Bell Hooks (2025, p. 45), o patriarcado “exige dos homens que se tornem e se mantenham emocionalmente incapazes.” Por serem educados desde crianças para não demonstrarem suas emoções, os meninos crescem sem conseguir falar sobre si e se tornam adultos que não conseguem externalizar o afeto e o respeito. Diante disso, encontra-se uma contradição, pois espera-se que os homens possam respeitar mesmo sendo educados para se distanciar das suas emoções. Assim, mais do que ensinar que as mulheres devem ser respeitadas, torna-se necessário criar espaços que possibilitem aos homens desenvolver habilidades relacionais e emocionais que sustentem esse respeito no cotidiano.

Ao comparar as entrevistas realizadas antes e após a participação no Grupo Reflexivo, percebe-se que as dificuldades de conceituar o respeito permanecem. De maneira geral, os participantes continuam demonstrando dificuldade em traduzir o respeito em práticas concretas, direitos ou comportamentos específicos, o que sugere que a temática foi incorporada mais como um princípio normativo do que como um conceito efetivamente apropriado. Em outras palavras, permanece o entendimento de que “é preciso respeitar”, mas ainda há limitações para explicitar o que esse respeito significa no cotidiano das relações de gênero.

Em conjunto, os três mecanismos analisados revelam que a desresponsabilização não se manifesta apenas na recusa explícita de assumir a autoria da violência, mas também em modos de compreender as relações de gênero que dificultam o reconhecimento da própria conduta como violenta. Quando determinadas práticas não são identificadas como violência, quando sua ocorrência é atribuída ao comportamento da mulher, ao álcool, ao ciúme ou a fatores externos, ou ainda quando o respeito é concebido como um princípio abstrato, desprovido de implicações concretas para o reconhecimento da autonomia e dos direitos das mulheres, criam-se condições para a manutenção de padrões violentos de relacionamento.

A análise comparativa entre as entrevistas realizadas antes e após a participação no Grupo Reflexivo indica que esses mecanismos permanecem presentes, ainda que se observem discretos movimentos de ampliação das reflexões dos participantes. Isso reforça a compreensão de que a responsabilização constitui um processo educativo contínuo, que exige não apenas o reconhecimento da

violência praticada, mas também a reconstrução das concepções de masculinidade, poder e relações de gênero que historicamente sustentam e legitimam essas formas de agir. Trata-se de um processo que dificilmente se consolida ao longo de um único ciclo de encontros, demandando ações permanentes, articuladas e intersetoriais que envolvam, para além do sistema de justiça, as políticas de educação, saúde, assistência social e cultura. Somente por meio de intervenções integradas, capazes de atuar desde os processos de socialização na infância até a educação de adultos, será possível promover transformações mais profundas nas formas como os homens compreendem as relações de gênero, o respeito e a responsabilidade por seus próprios atos.

6. O LIVRO COMO DISPOSITIVO DE REFLEXÃO NOS ENCONTROS: UMA ANÁLISE DA OBRA LIDA

Como abordado anteriormente, durante os encontros realizados no Grupo Reflexivo, utilizou-se como recurso pedagógico a leitura compartilhada do livro *Tudo é Rio*, de Carla Madeira. A escolha dessa obra se deu pela potencialidade de colocar em debate conflitos conjugais. Além disso, tratou-se de uma escolha também política e epistemológica, pautada na valorização da produção literária de uma mulher que escreveu, através da ficção, sobre as complexidades das relações afetivas, das violências e das desigualdades de gênero a partir de uma perspectiva feminina. Em um contexto de reflexão com homens autores de violência contra a mulher, a opção por uma narrativa construída por uma escritora representou a intenção de inserir a voz feminina no debate, possibilitando que os participantes entrassem em contato com experiências, sentimentos e perspectivas historicamente silenciadas ou secundarizadas.

Em linhas gerais, a obra retrata um triângulo amoroso entre Dalva, Venâncio e Lucy, no qual Dalva e Venâncio são um casal que se amam muito, até que a chegada do primeiro filho intensifica o ciúme de Venâncio. A obra atravessa temáticas, como: violência contra a mulher, família, paternidade, vínculos afetivos, ciúme, culpa, perdão e as complexidades das relações humanas.

A cada encontro alguns capítulos eram lidos, de modo que a obra foi completamente lida ao final da participação no Grupo Reflexivo. Na entrevista final, foram acrescentadas algumas perguntas específicas sobre o que acharam da obra e da leitura, a partir das quais foi possível extrair seis principais impressões.

Quadro 17: Principais concepções mobilizadas a partir da obra *Tudo é Rio*

PRINCIPAIS DESTAQUES DO LIVRO	TRECHOS DAS FALAS DOS PARTICIPANTES
Ciúmes	<i>"Eu não gostei do Venâncio, sobre aquele negócio lá, da criança lá, né? [...]. É parece que o... tipo, o rapaz, o pai da criança que ficou com ciúme da mãe, da mãezinha dele, né?" - Narciso</i>
Violências/agressividades extremas de Venâncio	<i>"Da história do Venâncio, das agressões que ele fazia. Ele maltratava a esposa dele... Ele queria matar o neném. [o que menos gostei do livro]" - Girassol</i>

Omissão de Dalva sobre a sobrevivência do filho	<i>“Pode ser que a Dalva não falasse para o Venâncio nada sobre o filho dele. Isso foi muito pesado.” - Lótus</i>
	<i>O que menos gostei foi quando Dalva não conta pro Venâncio que o filho dele está vivo.” - Antúrio</i>
Cena de afeto de Venâncio com o segundo filho	<i>“O que mais gostei foi quando Venâncio teve com a criança, a criança passou a ter confiança nele. A partir do momento que você se sente confiante a criança também sente, foi a parte mais marcante. O carinho que ele teve com aquela criança que ele podia ter tido com o filho dele e ele não pensou antes.” - Antúrio</i>
“Vulgaridade” do livro	<i>“Foi da mulher destruidora de lar [Lucy]. Questão de como ela se comportava [o que menos gostou].” - Crisântemo</i>

Fonte: Elaboração própria com base nos textos de campo da pesquisa.

Os participantes do grupo demonstraram incômodo diante das diversas violências presentes na obra, incluindo as violências cometidas por Venâncio contra Dalva. Apesar de ao longo da obra haverem diversas situações de violências mais “sutis”, são as **violências/agressividades extremas de Venâncio** que aparecem como razão de maior indignação entre os participantes do projeto.

Destaca-se também que a agressão cometida contra a criança (que era o próprio filho) gerou um incômodo e indignação muito maior. Ou seja, a violência contra a criança aparece como algo intolerável enquanto a violência conjugal, apesar de receber reprovação, é de alguma forma tolerável ou relativizada. Nessa perspectiva, o **ciúmes** aparece na fala de Narciso como algo inexplicável não necessariamente por ser uma manifestação de posse e controle, mas por estar direcionado à relação entre mãe e filho.

Outro ponto de destaque foi o grande incômodo dos participantes em relação à postura de Dalva de ter omitido de Venâncio a informação da sobrevivência do filho, pois isso o fez sofrer. A indignação com a postura de Dalva, em certa medida, ignora a violência que ela sofreu, priorizando a dor de Venâncio, sobretudo em virtude da culpa. Isso sugere que para os homens a quebra de confiança na relação é considerada como algo muito grave, podendo ser vista até como mais grave do que a violência física. Ou seja, a violência cometida pelo homem é deixada em

segundo plano ao reprovarem mais a decisão de Dalva de omitir uma informação do que a atitude de Venâncio em cometer uma agressão.

O episódio relatado como mais significativo no livro por um dos participantes foi a relação de afeto na paternidade exercida por Venâncio, após toda a trajetória de violências. Chama atenção o fato de que o participante tenha destacado justamente o processo de reconstrução do personagem, deslocando o foco da violência para a possibilidade de transformação. Essa leitura sugere uma (auto)identificação com a ideia de que homens que cometeram violência não se reduzem ao ato praticado, podendo ressignificar suas formas de se relacionar, especialmente no âmbito familiar.

Há também, por fim e de forma muito significativa, o destaque para a vulgaridade da personagem Lucy, que foi descrita como “destruidora de lar” e, de certa forma, do próprio livro. Apagando as responsabilidades dos homens da história, o foco da postura de Lucy revela a persistência de que a mulher deve se adequar a um estereótipo fixo. Essa leitura chama atenção porque desloca o foco da violência praticada por Venâncio para a conduta moral de Lucy. Tal interpretação evidencia a permanência de uma lógica de culpabilização feminina, recorrente nas relações de gênero, na qual a mulher é responsabilizada pela ruptura dos vínculos familiares ou pela violência sofrida, enquanto a agência masculina tende a ser relativizada. Ainda que Lucy desempenhe um papel importante na trama, a centralidade conferida à sua suposta “vulgar” revela a força de representações sociais que associam às mulheres a responsabilidade pela preservação da família e pela moralidade das relações afetivas.

A análise mostra que o Grupo Reflexivo não desconstrói o machismo de imediato, mas abre espaço para que ele seja questionado. Evidencia também uma contradição: os participantes reprovam a violência e, ao mesmo tempo, mantêm hierarquias de gênero nas falas. Isso confirma que a mudança de mentalidade é um processo lento e complexo, no qual a literatura pode ter um papel importante, uma vez que possibilita colocar em debate, a partir da história ficcional, o que antes era visto como normal.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de todas as categorias e subcategorias ajuda a compreender como a violência doméstica é algo muito complexo por se tratar de um problema social estrutural. Dessa forma, condutas consideradas socialmente como "normais" contribuem para a manutenção dessa violência.

Nesse sentido, o Projeto Casulo mostra-se relevante uma vez que, para além de punir o homem autor de violência, objetiva fazê-lo compreender a complexidade da realidade e a sua responsabilidade como produto, mas também reprodutor, dela. Portanto, o processo educativo consegue complementar o papel do Poder Judiciário, pois tem como foco enxergar a pessoa por trás do processo e do ato cometido. Reconhecendo, claro, que os Grupos Reflexivos não são capazes de sozinhos produzir uma mudança radical de comportamento ou mentalidade nestes homens, justamente porque isso está atrelado a uma estrutura maior e mais complexa, que exige um conjunto de ações e intervenções em diversos níveis na sociedade.

De toda forma, o Grupo Reflexivo evidencia seu potencial como espaços de escuta, diálogo e problematização das concepções de masculinidade, das relações de gênero e da violência contra a mulher. Ainda que não promovam, isoladamente, mudanças imediatas e profundas, constituem um ponto de partida para processos de responsabilização e ressignificação que demandam continuidade. Nesse sentido, o Projeto Casulo afirma-se como uma importante estratégia de extensão universitária e de intervenção social, criando oportunidades para que homens autores de violência iniciem um processo reflexivo que, para muitos deles, representa o primeiro contato com discussões críticas sobre gênero, masculinidades e violência contra a mulher.

Diante do que foi exposto, verifica-se que os objetivos propostos foram alcançados, uma vez que a análise do material permitiu identificar as compreensões sobre violência manifestadas pelos participantes antes e após a participação no grupo. Os resultados evidenciaram tanto permanências quanto discretos deslocamentos nas concepções dos participantes, revelando que, embora algumas reflexões tenham sido ampliadas ao longo dos encontros o processo de desconstrução de mentalidades e comportamentos é demasiadamente complexo, não sendo possível operá-lo apenas através dos Grupos Reflexivos. Tais achados

reforçam os desafios para promoção da transformação de crenças e valores relacionados às masculinidades e à violência contra a mulher, indicando que mudanças dessa natureza dificilmente se consolidam em intervenções pontuais ou de curta duração.

Nesse sentido, a pesquisa reafirma a relevância dos Grupos Reflexivos como espaços de problematização e responsabilização, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de sua articulação com políticas públicas permanentes e intersetoriais, capazes de promover transformações mais profundas nos processos de socialização masculina e nas relações de gênero. Ou seja, devem ser vistos como mais um mecanismo de enfrentamento da violência contra a mulher e não o único ou melhor.

Nessa perspectiva, esta pesquisa se mostra relevante ao evidenciar que apenas responsabilizar judicialmente e punir não desmonta a estrutura que produz a violência doméstica, porque ela está enraizada em muitas dimensões de nossa sociedade e, por isso, precisa ser profundamente pensada e discutida. O Projeto Casulo se apresenta, assim, como um desses espaços, que para muitos homens pode, infelizmente, ser o primeiro espaço de provocação desse tipo de reflexão.

Pessoalmente, participar da equipe executora do Projeto Casulo e desenvolver esta pesquisa trouxe impactos na minha formação acadêmica porque me exigiu olhar para situações sociais de forma mais crítica. Analisar as falas dos homens autores de violência me fez perceber que o machismo não é uma "opinião individual", mas algo que se sustenta nessa estrutura machista ao qual eu estou inserida. Isso me tirou do lugar de achar que "educar resolve tudo". A pesquisa me mostrou que, apesar da educação ser uma ferramenta de transformação, ela sozinha não dá conta de mudar o mundo. É preciso que ela esteja articulada a outras diversas políticas públicas. E, principalmente, me fez entender a importância de começar uma educação de gênero lá na base da educação, ainda na infância, por mais desafiador que seja isso.

REFERÊNCIAS

ANTEZANA, Alvaro Ponce. Intervenção com homens que praticam violência contra seus cônjuges: Reformulações teórico-conceituais para uma proposta de intervenção construtivista-narrativista com perspectiva de gênero. **Nova perspectiva sistêmica**, 21(42), p. 9–27, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEIRAS, Adriano; MARTINS, Daniel Fauth Washington; SAMMARIVA, Salete Silva; HUGILL, Michelle de Souza Gomes. **Grupos reflexivos e responsabilizados para homens autores de violência contra mulheres no Brasil**: mapeamento, análise e recomendações. Florianópolis/SC: CEJUR, 2021.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**: Lei nº 11.340, de 7 de junho de 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm Acesso em: 04 jun. 2026

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Recomendação n. 124, de 7 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://atos.cnj.jus.br/files/original1535112022011161dda3afb39db.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2025.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

HOOKS, Bell. **A vontade de mudar: homens, masculinidades e amor**. Tradução de Manu Quadros e Lubi Prates. São Paulo: Elefante, 2025.

JENIZE, Edineide. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf>, Acesso em: 02 jan. 2026.

KRONBAUER, José Fernando Dresch; MENEGHEL, Stela Nazareth. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n.5, p. 695-701, 2005.

MARONEZE, Aline Rodrigues. **Patriarcado, desigualdade de gênero e violência**: o papel da mulher na sociedade contemporânea. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 162-176, jan./ jun. 2021. Disponível em: revistas.est.edu.br. Acesso em: 4 jun 2026.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de. A extensão popular no trabalho compromissado com as classes populares. In: PRADO, Ernande do et al. (org.). **Caderno de Extensão Popular: textos de referência para a extensão universitária**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição. Editora Feevale, 2013.

RENK, Valquiria Elita; BUZQUIA, Sabrina Pontes; BORDINI, Ana Silvia Juliatto. Mulheres cuidadoras em ambiente familiar: a internalização da ética do cuidado. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 30, p. 416-423, 2022.

SILVA, Suiane B. da. Pesquisa narrativa no contexto da Educação Profissional e Tecnológica. **Grupo Paidade**. Disponível em: <https://share.google/Qx6jov0JTafg7kp55> Acesso em: 02 set. 2025

SCOTT, Juliano Beck; OLIVEIRA, Isabel F. de. Grupos reflexivos para homens autores de violência doméstica: estudo comparativo a partir de três programas brasileiros. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, 23 (1), p 1-26, 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v23n1/pt_v23n1a07.pdf Acesso em: 04 jun. 2025

SOARES, Cecília Teixeira; GONÇALVES, Hebe Signorini. Grupos Reflexivos para autores de violência contra a mulher: “isso funciona?”. **Direito em movimento**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 73-107, 2020. Disponível em: <https://ojs.emerj.com.br/index.php/direitoemmovimento/article/view/289> Acesso em: 04 jun. 2025.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 460-482, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 20 jun. 2026.

ZANELLO, Valeska. **Prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações** -1. ed. Curitiba: Appris, 2022. 144 p.

APÊNDICE A — ROTEIRO DE PERFIL DO PARTICIPANTE E ENTREVISTA

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Data de nascimento: ____/____/____

Idade: ____ anos

Cidade:

Contato:

II – DADOS SOCIAIS

Estado Civil: _____ Tempo de união:

Tem filhos? () Sim () Não

Quantos? ____

Com quem moram seus filhos?

Composição familiar:

Raça/cor:

Identidade de gênero:

Religião:

III – DADOS EDUCACIONAIS E SOBRE HÁBITO DE LEITURA

Grau de escolaridade:

Estuda atualmente? () Sim () Não

Onde?

Por que não prosseguiu?

Profissão:

Possui curso profissionalizante?

Está empregado atualmente? () Sim () Não

Costuma ler?

() Não

() Sim, a Bíblia

() Sim, obras literárias/romances

() Sim, livros escolares/didáticos

() Sim, matérias em jornais/sites

() Sim, outros:

Quais leituras lhe marcaram?

BLOCO I – CONCEPÇÕES SOBRE HOMENS E MULHERES

1. O que você considera que te caracteriza como homem?
2. Alguém te ensinou como ser homem? Se sim, quem?
3. Qual ou quais suas referências de homem? (que homens você admira?)
4. Como você considera que o homem e a mulher devem se portar num relacionamento amoroso? (Que tipo de posturas cada um deles deve assumir?)
5. Quais mulheres são (ou foram) importantes em sua vida? Por quê?
6. Para você, o que é respeitar uma mulher? (consegue dar exemplos?)

BLOCO II – VIOLÊNCIA

7. Como você define violência? Se puder, dê alguns exemplos.
8. Você já foi vítima de alguma situação de violência? Se sim, como se sentiu?
9. Por que você acha que existe violência entre as pessoas?
10. Na sua opinião, quais os impactos da violência na vida das pessoas?
11. Você acha que é possível evitar situações de violência? Se sim, de que maneiras?

APÊNDICE B — ROTEIRO DE ENTREVISTA E AVALIAÇÃO DA LEITURA

I – IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Telefone/Contato:

BLOCO I – CONCEPÇÕES SOBRE HOMENS E MULHERES

1. O que você considera que te caracteriza como homem?
2. Como você considera que o homem e a mulher devem se portar num relacionamento amoroso? (Que tipo de posturas cada um deles deve assumir?)
3. Para você, o que é respeitar uma mulher? (consegue dar exemplos?)

BLOCO II – VIOLÊNCIA

4. Como você define violência? Se puder, dê alguns exemplos.
5. Por que você acha que existe violência entre as pessoas?
6. Na sua opinião, quais os impactos da violência na vida das pessoas?
7. Você acha que é possível evitar situações de violência? Se sim, de que maneiras?

BLOCO III – LEITURA

8. Você gostou de ter lido "Tudo é Rio" no Grupo Reflexivo?
() Sim () Não
9. O que você mais gostou na leitura?
10. O que você menos gostou na leitura?
11. Você acha que o livro contribuiu para sua reflexão sobre a questão da violência contra a mulher? Por quê?
12. Se você pudesse, mudaria alguma coisa na história do livro?